

NAYERE RODRIGUES RUAS

**UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO
HORIZONTE: PERFIL DOS PARTICIPANTES E CARACTERÍSTICAS DAS
INSTITUIÇÕES**

CAMPINAS

2010

NAYERE RODRIGUES RUAS

**UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE DA REGIÃO
METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: PERFIL DOS
PARTICIPANTES E CARACTERÍSTICAS DAS INSTITUIÇÕES**

Dissertação apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Gerontologia.

Orientadora: DR^a NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO

CAMPINAS

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP
Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

R821u Ruas, Nayere Rodrigues
Universidades da terceira idade da região metropolitana de Belo Horizonte : perfil dos participantes e características das instituições / Nayere Rodrigues Ruas. Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Neusa Maria Mendes de Gusmão
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Idosos. 2. Educação. 3. Universidade da terceira idade. I. Gusmão, Neusa Maria Mendes de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Título em inglês : Universities of third age in Belo Horizonte : characteristics of the participants and the institutions

Keywords: • Elderly
• Education
• University of third age

Titulação: Mestre em Gerontologia

Banca examinadora:

Profª. Drª. Neusa Maria Mendes de Gusmão

Profº. Drº. Anita Liberalesco Neri

Profª. Drª. Rosângela Correa Dias

Data da defesa: 27-01-2010

**COMISSÃO EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE
MESTRADO**

NAYERE RODRIGUES RUAS (RA: 077374)

Orientador(a) PROFA. DRA. NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO

Membros:

1. PROFA. DRA. NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO

Neusa Maria Mendes de Gusmão

2. PROFA. DRA. ROSÂNGELA CORREA DIAS

Rosângela Correa Dias

3. PROFA. DRA. ANITA LIBERALESSO NERI

Anita Liberalessso Neri

Programa de Pós-Graduação em **Gerontologia** da Faculdade de Ciências Médicas da
Universidade Estadual de Campinas

Data: 27 de janeiro de 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido Fernando, por acreditar junto comigo e tornar tudo mais significativo em minha vida.

À minha família, meus pais, minhas irmãs e sobrinhos por aceitarem o distanciamento temporário dos almoços de domingo. Ao meu afilhado Nicolás.

Aos meus sogros pelo entusiasmo e por valiosas ajudas

Aos meus vizinhos queridos Thamara e Dudu, pelas longas discussões e debates.

Aos almoços de sábado com D. Idalina e Margarida.

Às amigas queridas do coração: Maria Helena, Amanda, Talita e Simone.

Aos amigos do Hospital Municipal Odilon Behrens, que me apoiaram e se tornaram parceiros nesta conquista.

À minha orientadora.

À professora Marcella, que trouxe o encantamento da Gerontologia para a minha vida.

Às coordenadoras dos programas: Luciana, Juliana, Rosângela e Marcella..Sem seu apoio seria impossível realizar este trabalho.

À turma de Gerontologia, pessoas maravilhosas, em especial Flávia Arbex, meu anjo sem asas em Campinas.

RESUMO

As universidades da terceira idade surgiram na França, na década de 1970. Rapidamente se espalharam por todo o mundo, chegando ao Brasil em 1982. O conhecimento do perfil dos participantes aliado à descrição dos programas existentes pode auxiliar a definir novas e melhores estratégias em programas educacionais dirigidos a idosos. O objetivo desta pesquisa é descrever o perfil dos participantes de três Universidades da Terceira Idade da região metropolitana de Belo Horizonte, através de questionário envolvendo questões sobre idade, renda, escolaridade, situação de moradia e estado civil e descrever os programas a partir de seus objetivos e fundamentos subjacentes, investigando-se relações entre o perfil dos participantes e as características dos programas. Um total de 101 idosos respondeu aos questionários. Foi observada uma maciça participação feminina em todos os programas (84%). A média de idade foi de 70 anos, e o grupo cuja seleção originava-se de uma lista fornecida pela Secretaria Municipal de Ação Social apresentaram níveis de renda e escolaridade inferiores àqueles encontrados nos demais grupos. A estrutura dos programas foi considerada semelhante. O fator que pode explicar o perfil diferenciado da instituição Fumec é o processo seletivo, que se constitui a partir de uma lista de idosos cadastrados em programas sociais da prefeitura. Os programas atenderam predominantemente necessidades educacionais classificadas como de enfrentamento em relação às perdas do envelhecimento. A ausência de uma legislação específica e de um órgão fiscalizador dificulta pesquisas sobre universidades da terceira idade e, conseqüentemente pode atrasar o desenvolvimento dos programas educacionais dirigidos a idosos.

PALAVRAS-CHAVE: idosos, educação, Universidades da Terceira Idade.

ABSTRACT

The third-age universities appeared in France, in the 1970's. Quickly spread throughout the world, arriving in Brazil in 1982. Knowing the profile of the participants and the characteristics of the existing programs can help to define new and best strategies in educational programs targeting the elderly. The objective of this research is to describe the profile of participants of three University of Third Age of the region the city of Belo Horizonte, from a questionnaire involving age, income, education, and marital status and describe programs from their goals and basis, investigating connections between the profile of participants and the programs' characteristics. A total of 101 seniors responded to the questions. There was a majority of women in all programs (84%). The average of age was 70 years, and the group selected from a list provided by the Public Social Service showed less income and education compared to the other groups. The structure of the programs was considered similar. The factor that may explain the different profile of the institution Fumec could be the selection process, which is from a list of persons registered in the municipal social programs. The programs attended predominantly educational needs classified as coping or education about the natural losses of aging. The lack of a specific legislation and a regulator agency makes research about universities in the elderly difficult and thus may delay the development of educational programs targeting the elderly.

Key-words: elderly, education, University of Third Age

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SESC: Serviço Social do Comércio

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UEMG: Universidade do Estado de Minas Gerais

FUMEC: Fundação Mineira de Educação e Cultura

UNATI: Universidade Aberta da Terceira Idade

USP: Universidade de São Paulo

SBGG: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

PUC: Pontifícia Universidade Católica

PSF: Programa Saúde da Família

MEEM: Mini Exame do Estado Mental

FCS: Faculdade de Ciências da Saúde

MCM: Museu de Ciências Morfológicas

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM: Universidade Federal de Santa Maria

SPSS: Statistical Package for the Social Sciences

UERJ: Universidade Estadual do Rio de Janeiro

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

OMC: Organização Mundial do Comércio

MEC: Ministério da Educação e Cultura

PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Educação e Terceira Idade	17
1.2 Universidades da Terceira Idade.....	27
1.2.1 Europa, Ásia, América do Norte e Austrália	30
1.2.2 Península Ibérica, América Latina e Brasil	32
2. JUSTIFICATIVA	38
3. OBJETIVOS.....	40
3.1 Objetivo Geral	41
3.2 Objetivos Específicos	41
4. MATERIAL E MÉTODOS	42
4.1 Participantes	45
4.2 Instrumentos	46
4.3 Análise dos Dados	46
5. RESULTADOS.....	47
5.1 As Universidades da Terceira Idade	48
5.1.1 Universidade FUMEC. Nome do Programa: Melhor Idade em Ação	48
5.1.2 Universidade Federal de Minas Gerais. Nome do Programa: Universidade Aberta para a Terceira Idade – Projeto Maioridade.....	51
5.1.3 Centro Universitário UNI-BH. Nome do Programa: UNIdoso.....	54
5.2 Perfil da Totalidade dos Participantes.....	58
5.2.1 Geral agrupado das três instituições.....	58
5.2.2 Perfis dos idosos conforme as instituições	61
6. DISCUSSÃO.....	67
7. CONCLUSÕES.....	79

8. REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE 1. Questionário administrado aos idosos	89
APÊNDICE 2. Questionário administrado aos coordenadores	91
APÊNDICE 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	92

1. INTRODUÇÃO

Mundialmente, é possível observar o aumento do número de pessoas com mais de 60 anos. Este aumento tem sido mais rápido entre os países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, trazendo urgências em relação aos sistemas sociais, econômicos e de saúde. A composição do binômio fecundidade/mortalidade atual demonstra que o Brasil reduziu ambas as taxas e se encontra no terceiro estágio de transição demográfica (RAMOS, 2002), que representa um aumento percentual de adultos e, em paralelo, do número de idosos.

Camarano (2006), ao realizar considerações sobre o fenômeno populacional do envelhecimento, caracteriza-o como resultado da dinâmica entre a alta fecundidade do passado combinada com as baixas taxas de mortalidade do presente. Somado a isso, a autora afirma que: “enquanto o envelhecimento populacional significa mudanças na estrutura etária, a queda da mortalidade é um processo que se inicia no momento do nascimento e altera a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade” (CAMARANO, 2006, p. 58).

Todo o processo envolvido na diminuição das taxas de mortalidade e de fecundidade foi buscado pela sociedade ocidental e conquistado após a implementação de várias políticas sociais. Contudo, ainda assim, o envelhecimento acelerado causa um impacto real na estrutura da sociedade e a demografia, como ciência, passa a se colocar no papel de investigar “a existência de uma associação entre envelhecimento populacional e dependência e se esta relação é dinâmica” (CAMARANO, 2006, p. 88). A autora enfatiza, ainda, os principais pontos de discussão no que tange o envelhecimento populacional, que analisaremos a seguir.

O primeiro ponto refere-se à proporção mais elevada de mulheres do que de homens que alcançam a terceira idade. Embora tenham uma expectativa de vida maior do que os homens, as mulheres tendem a alcançar a velhice em situação de maior dependência, com situação socioeconômica desvantajosa, e sozinhas (CAMARANO, 2006). Além disso, o papel de cuidador informal, culturalmente, é na maioria das vezes ocupado pelas mulheres, acarretando maior sobrecarga emocional, física e financeira para tal contingente.

O fato de cada vez mais idosos morarem sozinhos é outro ponto salientado por Camarano (2006). Mais mulheres do que homens vivem sozinhos, possivelmente por sua maior expectativa de vida e dado o baixo índice de casamentos após a viuvez feminina, em oposição à viuvez masculina. Porém, morar só não pode ser considerado um precursor da solidão, visto que

muitos idosos escolhem morar sozinhos e se encontram em boas condições de saúde e autonomia (DEBERT, 1999).

Em pesquisa organizada pela Fundação Perseu Abramo e SESC São Paulo (NERI, 2007), os dados sobre a situação familiar dos idosos brasileiros mostram as diferenças de gênero existentes na velhice. Enquanto 14% dos homens encontram-se viúvos, 48% das idosas pesquisadas eram viúvas. Em relação ao grau de parentesco das pessoas com quem vivem, 71% dos homens vivem com as esposas, enquanto as mulheres, em sua maioria, vivem com filhos (57%). Apenas 36 % das mulheres relataram viver com marido. Tais fatos apontam para vivências intergeracionais que se modificam ao longo do tempo e que cada vez mais vão contar com a presença de idosos no arranjo familiar.

Nesse contexto, a aposentadoria e a idade cronológica são critérios de passagem da fase adulta para a velhice. A aposentadoria marca o fim do período produtivo e a transição para um período predominantemente marcado pelo tempo livre. A idade como critério para entrada em programas específicos e para o exercício de direitos também representa, socialmente, a chegada do envelhecimento para aqueles que completam os 60 anos de idade.

Um dos ritos mais marcantes de passagem para a velhice na sociedade urbana e industrial é a aposentadoria, criada nos fins do século XIX, na Alemanha, com a ampliação dos conceitos de Estado do Bem-Estar Social nos países industrializados e também para garantir a renovação da mão de obra nas linhas de produção (PACHECO, 2004).

A aceitação de que a velhice e a idade avançada trazem consigo um processo de perdas que pode levar a uma dependência do indivíduo em relação aos seus próximos e ao Estado também foi um elemento fundamental para a conquista de direitos sociais, dentre eles a aposentadoria (DEBERT, 1999). A mesma autora adverte que, apesar da existência de tais movimentos sociais, a velhice sofre a influência de “processos de reprivatização, que transformam a velhice numa responsabilidade individual – e, nesses termos, ela poderia então desaparecer do nosso leque de preocupações sociais” (DEBERT, 1999, p.14).

Entre homens e mulheres, o impacto da aposentadoria é representado de forma diferente, visto que o trabalho do homem é mais valorizado, pois cabe a ele o papel de provedor

principal; enquanto que, à mulher, é atribuído também o trabalho doméstico, mesmo que ela desempenhe o trabalho produtivo. Por isso, ao se aposentar, a mulher retorna ao seu papel de dona de casa em tempo integral. Os homens apresentam uma dificuldade maior em encontrar um novo papel que não seja relacionado à função de trabalhador (PACHECO, CARLOS, 2006). A aposentadoria pode ser um tempo de construir novos caminhos e se envolver com novos interesses, mas a falta de preparo dos trabalhadores para que possam desfrutar desse momento transformam tal possibilidade em um período cheio de incertezas.

A sociedade capitalista, a sociedade do trabalho valoriza sobremaneira as atividades capazes de gerar lucro ou acumulação de capital. O lazer, como definido por Dumazedier (1999), apresenta como uma das suas premissas a de ser uma atividade gratuita, que não tem relação com a produção, cuja escolha é feita pelo indivíduo que, enquanto estiver envolvido no lazer, sente a realidade suspensa pelo tempo da sua duração. O lazer das crianças, em forma de brincadeiras, é uma atividade altamente recomendada, mesmo que muitas vezes objetivando uma formação para a escola e, não raro, para o próprio mundo do trabalho. O tempo da criança é ocupado largamente pelo lazer ou tempo livre. Na fase adulta, a produtividade é considerada uma prioridade, e o lazer é um privilégio de poucos, um prêmio por meses de trabalho árduo e constante, representado por um curto período de férias. Na velhice, as proporções invertem-se e tornam-se semelhantes às aquelas observadas na infância, em que o tempo livre ocupa a maior parte do tempo. A maneira como os idosos gerenciam a nova realidade sofre, principalmente, influências de gênero, de coorte¹ e de classe social.

Como Neri (2001, p.18) afirma, de acordo com a classe social a que a mulher idosa pertence, diferentes tipos de grupos de convivência são procurados. Aquelas de classe social baixa buscam centros em que são enfatizadas atividades físicas e sociais, enquanto as de classe social média e alta procuram os cursos da universidade para se atualizar sobre o mundo e sobre si mesmas. Já os homens, apresentam uma tendência em buscar organizações de lutas por direitos como associações de aposentados e sindicatos. Sendo assim, espera-se encontrar nas Universidades da Terceira Idade um perfil predominantemente feminino, de classes sociais mais favorecidas, buscando atualizações de conhecimentos e saberes. A dúvida permanece se as

¹ Segundo Neri (2001, p. 18), coorte é “um conjunto de pessoas nascidas na mesma época, que entram e saem juntas de seus sistemas ou instituições (...) que tendem a experimentar os mesmos eventos históricos, nas mesmas épocas de suas vidas”.

Universidades buscam diferenciar este perfil com propostas que atraiam o público masculino e também os idosos das classes sociais menos favorecidas. O modelo de Universidade da Terceira Idade estará apenas mantendo esse perfil ou estará ativamente criando um filtro seletivo que alcança mulheres idosas com escolaridade e renda mais elevados em relação à população em geral?

Debert (1999) apresenta os resultados de uma pesquisa ressaltando a rápida criação e ocupação de espaços pela terceira idade, em que novas experiências podem ser vivenciadas de forma coletiva, levando-se em conta a heterogeneidade que a velhice proporciona. Tais formas de “privatização do envelhecimento”, como a própria autora pontua, seguem concepções filosóficas distintas. A mesma autora relata que a análise dos dados sobre o perfil dos alunos de Universidades da Terceira Idade “é repensar as razões que levam à procura desses programas e o caráter de mudança que eles operam no público mobilizado.” (DEBERT, 1999, p. 152)

Ao assumir-se que a responsabilidade pela própria aparência e pela própria saúde recai totalmente sobre o indivíduo, assume-se também que é possível, com esforço pessoal e a ajuda de cosméticos e medicamentos especializados, apresentar boa saúde e retardar quaisquer fenótipos típicos da velhice, como rugas e flacidez. Por isso, atividades físicas, alimentação saudável e exercícios para o cérebro são arduamente indicados, através da mídia, da comunidade científica e pelas Universidades da Terceira Idade, para quem pretende exercer tal controle sobre o próprio corpo e dominar a própria velhice. Com isso, “a juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas” (DEBERT, 1999, p. 21).

Uma das teorias mais importantes a ser considerada em relação ao tempo livre de idosos é apontada por Siqueira (2001). A chamada Teoria da Atividade é uma teoria sociológica do envelhecimento derivada do interacionismo simbólico, que orientou e ainda orienta as propostas de lazer e educação não formal oferecidas a idosos. Ela apresenta como proposição básica que “o declínio em atividades físicas e mentais, geralmente associado à velhice, é fator dominante nas doenças psicológicas do idoso” (SIQUEIRA, 2001, p. 76). Por isso, para a manutenção de uma vida saudável na velhice, o idoso deve substituir a perda de papéis sociais

(trabalhador, mãe, dona-de-casa) por outros papéis novos. Estes novos papéis seriam resultado do engajamento em atividades prazerosas, com objetivo de aumentar a rede de relações sociais e estimular física e mentalmente os idosos. Conquanto existam críticas a esta teoria (pela sua homogeneização dos grupos de idosos; por responsabilizar o idoso pelos seus desfechos em saúde, a despeito de existirem ou não ofertas de programas de atividades; por estabelecer uma relação unívoca entre nível de atividade e saúde; pela sua perspectiva “anti-envelhecimento”, que valoriza o “ser jovem”), ela ainda é, na atualidade, bastante utilizada no campo da gerontologia social. Talvez pela simplicidade do seu conceito principal que está fundamentado em crenças populares tradicionais, transmitidas por ditos populares como “cabeça vazia, oficina do diabo” essa teoria mantém-se como referência na criação de programas de lazer direcionados a idosos. Além disso, a sociedade industrial não costuma ver com bons olhos o ócio, cultuando, assim, um ritmo por vezes frenético de atividades produtivas e movimento.

Por sua vez, em nenhuma outra fase da vida a idade é tão usada como critério para benefícios ou discriminação em geral (que pode ser positiva ou negativa). O Estatuto do Idoso traz uma série de direitos que são adquiridos por todo aquele que completa a idade de 60 anos ou mais. Alguns desses direitos inclusive podem ser considerados paternalistas exatamente por homogeneizar uma população tão diversa por fatores biológicos, sociais e de gênero. Como afirma Debert sobre os programas destinados exclusivamente a idosos, “são as formas de associativismo em que a idade cronológica é um elemento fundamental na aglutinação dos participantes” (DEBERT, 2004, p. 138). Por sua vez, Alfageme (2007) afirma que a idade como um pré-requisito é mais uma decisão política do que científica. Considerando-se que os programas sociais oferecidos a idosos almejam preencher expectativas educacionais, sociais e de saúde, então tais benefícios deveriam ser estendidos a outras faixas etárias que buscassem os mesmo objetivos. Como tal, a discriminação por idade levanta debates sobre seu impacto, seja ele negativo ou positivo, e enseja movimentos de ordem social, individual e coletiva. O mesmo critério (idade), que oferece oportunidades de frequentar programas educacionais e culturais, garante a gratuidade de transportes públicos, cria um conselho específico é, também, utilizado nos casos de aposentadoria compulsória por idade, independente do desejo do indivíduo e, não raro, desvaloriza sua contribuição para a sociedade.

Por tudo isso, no mundo todo, a idade como critério é frequentemente aceita sem reflexões ou discussões. Breda e Schoenmaekers (2006) atentam para o fato que a idade como critério não é algo neutro e que pode causar discriminação negativa tanto para os idosos quanto para os sujeitos de outras idades. Os autores afirmam que o curso de vida não deveria ser dividido em fases rígidas, mas sim, organizar-se de uma forma flexível que pudesse influenciar a participação social do idoso em diferentes domínios. Para basear tal afirmativa, os autores apoiam-se na definição de Neugarten de que a noção pré-fabricada de curso de vida tornou-se obsoleta, necessitando a sociedade de uma evolução para uma sociedade em que a idade seja irrelevante (*age-irrelevant society*). A flexibilidade no critério idade para a participação em programas poderia, então, ser vista como uma condição para a integração entre as gerações, facilitando o acesso a estruturas como sistemas educacionais ou o mercado de trabalho, por exemplo, como afirmam os autores. Apesar de tais argumentos, é importante ressaltar que, assim como existem diferenças entre classes sociais, as diferenças entre os grupos etários existem de fato. A proposta principal dos autores é que as desigualdades de acesso (a serviços de saúde, educação, lazer, dentre outros) que fossem ocasionadas pelo pertencimento a faixas etárias deveriam ser minimizadas e a interação entre as gerações pudesse ser estimulada num processo sadio de trocas.

1.1 Educação e Terceira Idade

A educação, segundo Delors (1996), representa um papel chave no desenvolvimento contínuo do ser humano e da sociedade. Os quatro princípios relatados no documento apresentado a partir de um pedido da Unesco, *Educação, Um Tesouro a Descobrir*, são os pilares do desenvolvimento humano: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Eles perpassam toda a vida do indivíduo, inclusive durante a sua velhice. Este mesmo documento afirma a importância da oferta de possibilidades de aprendizagem não só a crianças e adolescentes, mas também a adultos e idosos, levando as pessoas, desde sua infância até o fim da vida, a conhecerem de forma dinâmica o mundo, as outras pessoas e a si mesmas.

Entendida não só como um fim em si mesma, mas como uma possibilidade de o indivíduo alcançar uma variedade de objetivos pessoais e para seu próprio desenvolvimento (CACHIONI, PALMA 2006), a educação passa a desempenhar um papel dignificante da

experiência humana e de sua formação integral. Não só no sentido da instrumentalização proporcionada pela educação formal, mas também se considerando as contribuições de experiências que podem advir de todo um universo de acontecimentos da vida cotidiana e de seus efeitos sobre os significados das relações do indivíduo com ele mesmo e com os demais. Nesse caso, a educação compreenderia uma emancipação do sujeito, uma extensão de seus limites a fim de abarcar um novo degrau do desenvolvimento. Ou seja, além do conceito de educação formal (que preconiza a existência de um currículo, da figura de um professor, de objetivos de aprendizado e metodologia), a educação num sentido mais amplo abrange, também, a educação informal. Segundo Park e Fernandes (2007), a educação informal engloba uma variedade de aprendizagens que realizamos ao longo da vida sem que haja um planejamento prévio de um conteúdo.

Do mesmo modo que a educação formal e informal, Martins de Sá (1994), aponta para a necessidade de realizar uma distinção entre educação permanente e continuada. Ambas são consideradas educação supletiva, sendo a educação permanente não corretiva, sem o caráter de suplência da escolaridade dos que não participaram em época apropriada do sistema regular de ensino. Por sua vez, a educação permanente postula a permanência na educação em qualquer fase da vida, como um direito à cidadania.

Contudo, segundo Both (2006), os projetos educacionais na história do Período Moderno do mundo ocidental apresentavam dois objetivos básicos: a salvação da alma e a construção de uma racionalidade produtiva atentando-se para a finitude da vida. Especialmente no segundo caso, os idosos encontravam-se fora da possibilidade de ser alvo de projetos educacionais, visto seu menor horizonte de tempo de vida e seu desligamento de atividades produtivas com o advento da aposentadoria.

A teoria psicossocial proposta por Erik Erikson foi de extrema importância para o desenvolvimento de teorias sobre o envelhecimento, já que foi um dos primeiros teóricos a abranger também a velhice como um período do desenvolvimento humano.

As teorias do envelhecimento, tanto em seus aspectos biológicos quanto psicológicos e sociológicos, trazem à luz da comunidade científica a necessidade de uma discussão sobre o papel da sociedade no envelhecimento. A velhice, como categoria social, passa a ser uma

finalidade de estudos e pesquisas, trazendo a crescente necessidade por teorias e modelos que expliquem os fenômenos do envelhecimento, em seus aspectos individuais e sociais. Um desses fenômenos é a criação de aparatos sociais que objetivam atender aos anseios educacionais do sujeito idoso, sendo as Universidades da Terceira Idade os mais importantes e reconhecidos. Quais são as suas finalidades, como foram criadas e sob a influência de quais teorias foram organizadas são questões centrais no estudo sobre a gênese das Universidades da Terceira Idade.

Nesse contexto, o envelhecimento populacional é um fator importante a ser considerado ao investigar-se a motivação para a criação e o desenvolvimento de propostas educacionais direcionadas a idosos. No Brasil, no final da década de 1960, foi iniciado um rápido decréscimo da taxa de fecundidade (número médio de nascidos vivos, por mulher, em todo o seu período reprodutivo). Por fim, toda a população brasileira entrou num processo de desestabilização de sua estrutura etária com um estreitamento continuado da base (que indica o número de recém-nascidos) e, conseqüentemente, há o envelhecimento da população.

O ritmo continuado do decréscimo da taxa de fecundidade no Brasil ocasionará o desaparecimento dos efeitos das altas taxas de natalidade experimentadas até a década de 1960 (CARVALHO, GARCIA, 2003). Em países europeus, todo este processo foi lento e gradual, possibilitando à sociedade como um todo o planejamento necessário para o atendimento de diversas questões específicas da população idosa. Países em desenvolvimento, como o Brasil, convivem ao mesmo tempo com problemas particulares da população infanto-juvenil e com as cobranças que o envelhecimento traz à tona a partir de todas as suas facetas: cuidados à saúde, relações sociais e familiares e todos os ganhos e perdas inerentes ao processo biopsicossocial do desenvolvimento humano. Tais cobranças podem ser creditadas também à maior visibilidade da parcela idosa da população, que aumenta em níveis superiores àqueles encontrados nas demais faixas etárias e pressiona a sociedade a tomar providências práticas “para garantir o que passou a ser reconhecido como direito desse grupo etário e como necessidade social. (...) nesse contexto, apareceram as primeiras iniciativas de proporcionar educação aos mais velhos” (CACHIONI, PALMA, 2006, p. 1458).

Mas não é possível creditar apenas ao aumento da população o crescente interesse em desenvolver projetos educacionais para idosos. Debert (1999) afirma que considerar apenas o fator demográfico como explicação para as mudanças nas formas de gestão do envelhecimento é fechar o debate para um conjunto de questões mais amplas. Jarvis (1990) adverte que a educação para adultos não se expandiu apenas com o aumento da população idosa, já que através da história, “a educação tem se expandido para preencher lacunas deixadas pela modificação, às vezes pela diminuição, das demandas da força de trabalho” (JARVIS, 1990, p. 404). A expansão da educação para crianças, dentre outros fatores, foi proporcionada pelo espaço deixado pela diminuição da requisição da mão de obra infantil.

De forma semelhante, o aumento do contingente de idosos e, mais ainda, do tempo de vida ser cada vez mais longo após o advento da aposentadoria, coincidiu com o aumento da oferta de programas educacionais para idosos. Ou seja, o tempo livre advindo da aposentadoria (fim do vínculo com o papel produtivo) cria uma pressão para o seu preenchimento com atividades de lazer e também de educação.

A Organização Mundial do Comércio – OMC – publicou, em 1998, um documento definindo novas regras para a educação, incluindo a educação para adultos. Tal documento informa sobre as mudanças e transformações no ensino que seriam capazes de modificar a finalidade e o conceito de educação (HADDAD, 2004). A OMC atribui à educação um papel de mercadoria, que deve, então, obedecer às regras do mercado, como abertura ao capital estrangeiro e maximização de lucros. Pelo contrário, a Declaração Mundial sobre Educação Superior, de 1998, assume que o acesso à educação é um direito de todo ser humano, sendo vetado seu tratamento como mercadoria comercial (HADDAD, 2004). Situados neste contexto, os idosos podem ser considerados uma fatia de mercado, como consumidores de serviços de saúde, ação social e também de serviços de educação, oferecidos tanto por instituições públicas quanto privadas.

Contudo, ainda permanece uma dúvida. O aumento da população idosa gerou um contingente de pessoas de idade avançada, que chamou a atenção para essa categoria social e gerou a necessidade de teorias próprias para estudá-la. A maior longevidade trouxe uma questão criada pelo maior contingente de idosos, mas, também, pela aposentadoria, por criar um excesso

de tempo livre nunca antes experimentado na idade adulta e por ser este um período de tempo cada vez maior. Houve a junção de uma pressão demográfica do envelhecimento com as teorias que comprovam que o desenvolvimento humano ocorre por toda a vida e que o tempo livre deve ser ocupado com atividades estimulantes. Por si só, podem estes fatos explicar o porquê do crescimento dos investimentos educacionais criados para os idosos e não programas que contemplem outras necessidades? Randell e Mason (1995) elencam alguns argumentos que justificam os investimentos específicos em educação para idosos.

Dentre tais argumentos, o grande contingente de indivíduos aposentados traz uma disponibilidade de tempo para atividades que não são relacionadas ao mundo do trabalho, o que favorece uma mudança em relação à utilização do tempo. Esta disponibilidade de tempo é exercida por idosos cada vez mais saudáveis e que se apresentam mais autônomos, devido aos investimentos prévios em ações de prevenção e promoção da saúde. Além disso, estes idosos apresentaram vivências no período escolar que não previram as mudanças pelas quais a sociedade ocidental atravessaria, tornando a formação escolar dos idosos obsoleta para assuntos como ciência, tecnologia e atualidades. Esta falha ou lacuna na educação de idosos tem o potencial de produzir uma grande parcela da população alienada e ressentida, já que ela não foi preparada para viver no mundo como ele agora se apresenta. Cabe ressaltar que toda a sociedade da informação e da tecnologia vive sob o signo da obsolescência, em que a cada dia, o novo toma o espaço do velho, seja no uso das tecnologias e no seu descarte cada vez mais rápido, seja nas informações aprendidas que se tornam ultrapassadas rapidamente.

Os mesmos autores citam seis competências principais de aprendizado que são necessárias para a atualização de idosos e que podem ser adquiridas através de programas educacionais para idosos como as Universidades da Terceira Idade.

1. A competência de comunicação de ideias e de informação é a capacidade de se comunicar efetivamente através da fala, da escrita, de outros meios gráficos e até através de formas não verbais de expressão;
2. A capacidade de alocar e organizar informações e selecioná-las quando necessário é muito importante para viver na sociedade da informação, em que não basta

- apenas ter a informação, mas também avaliá-la segundo sua utilidade e armazená-la corretamente para uso no futuro;
3. O uso prático de ideias matemáticas é a competência na qual o indivíduo usa conceitos como “número”, “espaço”, “estimativas” e “dados estatísticos” para facilitar o seu cotidiano;
 4. A competência de planejar e organizar atividades envolve o uso otimizado do tempo e de seus recursos, estabelecendo prioridades e avaliando o próprio desempenho;
 5. O uso de tecnologias é uma competência altamente requerida na atualidade, em que se aprende a combinação de habilidades físicas e sensoriais necessárias para operar um equipamento, além da compreensão dos princípios científicos e tecnológicos a fim de se explorar os sistemas;
 6. A capacidade de resolução de problemas e de aprendizado de estratégias desenvolve a capacidade crítica e criativa de encontrar soluções tanto nas situações evidentes quanto nas complexas, sempre no sentido de se alcançar um objetivo.

McClusky, na década de 1980, sugere classificação das necessidades educacionais dos idosos em cinco categorias, como destacadas a seguir.

1. As necessidades de *coping* resultam das incapacidades derivadas do processo de envelhecimento e da desatualização das habilidades para sobreviver em um mundo diferente do mundo da infância e da juventude. São necessidades de sobrevivência e que também facilitam o funcionamento adequado dentro de uma determinada sociedade. Exemplos são as habilidades em cuidar da própria casa, da alimentação e participar de relações sociais. Segundo Mehrotra (2003), os programas educacionais para idosos devem incluir a alfabetização, educação para o consumo, ensino sobre mudanças físicas e sociais comuns na velhice e como equilibrá-las no cotidiano.
2. As necessidades expressivas oferecem prazer intrínseco na atividade em si, e podem ser físicas ou sociais. Elas dão a oportunidade ao idoso de explorar interesses não cultivados ao longo da vida e se expressar de formas alternativas,

- especialmente através de criações artísticas. A participação social também é bastante estimulada nas atividades expressivas compartilhadas.
3. As necessidades de influência representam os desejos de participação numa sociedade e exercer a cidadania, através de mudanças significativas em assuntos sociais, políticos e da comunidade. Exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas para preencher tais necessidades são a participação em grupos de ajuda voluntários, organizações não governamentais e órgãos representativos de classe. A educação pode auxiliar o idoso a identificar papéis apropriados a serem exercidos dentro das organizações escolhidas e avaliar os resultados da participação do idoso.
 4. As necessidades contributivas incluem o desejo altruístico de ajudar outras pessoas com problemas do dia-a-dia e em adquirir suas tarefas desenvolvimentais. Idosos podem ser recebedores de auxílio através de seu suporte social, que muitas vezes é composto por pessoas também idosas. Esta rede de suporte, seu tamanho, sua qualidade e a adequação do suporte oferecido são determinantes para o bem-estar e a qualidade de vida do indivíduo.
 5. E, por último, o entendimento mais aprofundado do significado da vida constitui o objetivo das necessidades de transcendência. Para além do declínio do corpo físico, existe um movimento mais intimista e que possibilita aos idosos examinar os propósitos de sua vida e explorar crenças e preceitos religiosos e a espiritualidade como um todo. Esta busca pelo significado leva a uma revisão de vida, que permite reexaminar a própria vida e encontrar pontos críticos que levaram a mudanças importantes no curso de vida. A educação pode oferecer grupos que estimulem reminiscências e que possam auxiliar a encontrar significado, satisfação e medidas pessoais de sucesso e insucesso.

A educação gerontológica, segundo Thornton (1992) pode ser entendida sob duas vertentes: a social e a individual. No âmbito social, ela existe devido ao número cada vez maior de pessoas idosas, sendo o envelhecimento uma fase da vida com especificidades e ainda não compreendida por todos. Com isso, os profissionais que lidam com idosos precisam de conhecimentos específicos para a sua atuação no campo gerontológico. No âmbito individual, a educação gerontológica compreende as necessidades e competências instrumentais e expressivas

exigidas para a transição representada pelo envelhecimento. Como exemplos, figuram os programas de preparação para a aposentadoria, de preparação para carreiras alternativas, atividades de lazer e hobbies e programas educativos para manutenção da saúde. A premissa básica da educação gerontológica como um todo é a crença que os idosos são capazes de aprender coisas novas, manter sua independência e autonomia suficientes para gerenciar suas vidas e continuar a buscar significado em contribuições significativas para a sociedade em geral (THORNTON, 1992).

Peterson (1985) descreveu os três elementos principais da educação gerontológica: educação para idosos, educação sobre o envelhecimento e educação para profissionais que lidam com idosos.

A educação para idosos, nela incluídas as Universidades da Terceira Idade, possui argumentos que a justificam tanto no âmbito individual quanto no social. Harootyan e Feldman (1990) classificam-na como um requisito essencial na sociedade do século XXI, que cada vez mais é baseada no conhecimento e na informação. O modelo linear de educação preconiza a escola na infância e na juventude, o trabalho na idade adulta e a aposentadoria na velhice, mas o modelo de educação por toda a vida oferece uma abordagem fluida que cobre todo o curso de vida do indivíduo. Os novos papéis assumidos pelos idosos também explicam a aplicabilidade desta abordagem, já que apenas descanso e repouso durante a aposentadoria não parecem mais atender aos anseios dos idosos. Em resumo, a educação para idosos deve possibilitar o aparecimento de talentos individuais, a conquista de desejos e de necessidades. Os mesmos autores citados anteriormente atentam para o fato de que não só a população de idosos tende a crescer, mas também tende a ser mais saudável e com melhores níveis educacionais. Por isso, os programas devem constantemente rever seus objetivos e seus projetos, visando atender integralmente às diferentes coortes que estão em busca de oportunidades educacionais.

A expectativa de vida é influenciada pela quantidade de educação formal recebida pelo indivíduo, mais do que variáveis como classe social e renda, como afirma Schneider (2003). Segundo a mesma autora, o possível efeito inverso observado entre nível de escolaridade e risco de desenvolver demência de Alzheimer é explicado pelo grau de plasticidade cerebral a partir de novas sinapses. Tal efeito só foi observado na educação formal, onde as atividades são

estruturadas de acordo com um objetivo pré-estabelecido, visualizando finalidades mais instrumentais do que expressivas. Além disso, os participantes de programas educacionais constantemente apresentam metas de vida, o que também está associado a níveis mais altos de bem-estar e menores índices de depressão ou de outras alterações de humor. A educação tem fortes conexões com a manutenção e melhora das funções mentais, consideradas fundamentais na promoção da autonomia na execução de atividades de vida diária. Estudos longitudinais como *MacArthur's Studies of Successful Aging* apontaram o nível educacional como o preditor mais importante na manutenção das funções cognitivas na velhice. Além dos benefícios para os circuitos cerebrais e sua plasticidade, o senso de autoeficácia e o suporte social encontrados dentre aqueles que mantêm atividades educativas são motivos suficientes para sustentar e justificar investimentos em programas educacionais para idosos.

O motivo pelo qual os idosos participam de atividades educativas pode ser examinado sob diversos prismas. Mehrotra (2003) relata duas principais. A primeira delas enfatiza a orientação motivacional dos idosos, e afirma que as decisões são tomadas tendo-se como influência interesses cognitivos e contatos sociais. Uma segunda abordagem, baseada nos estudos de Havighurst, focaliza as tarefas desenvolvimentais do adulto e do idoso, que possibilitam ao indivíduo julgar-se e ser julgado pelos outros como bem-sucedido em tarefas específicas de cada estágio da vida adulta. As tarefas desenvolvimentais associadas à velhice são o ajustamento à aposentadoria, morte do cônjuge, o declínio da saúde e do vigor, dentre outras.

Dada tal importância aos programas educacionais dirigidos a idosos, justifica-se o interesse em investigar as características das Universidades da Terceira Idade e como elas podem influenciar o perfil dos alunos que buscam atualizar-se ou que buscam por novas redes de relações sociais. Em pesquisa bibliográfica nas bases de dados MedLine e Scielo, não foram encontrados estudos brasileiros relacionando perfil de idosos atendidos, modelos de ingresso e estrutura educacional de Universidades da Terceira Idade. O entendimento da estrutura de programas que atendem idosos e as características desta população atendida podem fornecer importantes pistas sobre o real impacto e alcance das Universidades da Terceira Idade sobre a população idosa em geral. Basicamente, os programas objetivam a promoção do envelhecimento saudável (ou bem-sucedido), a transmissão de conhecimentos sobre o envelhecimento e o aumento da rede social, em acordo com premissas estabelecidas no Estatuto do Idoso (Lei

10.741/2003), que enfatiza o papel da Universidade como transmissora do saber para e sobre o envelhecimento. Considerações sobre o perfil dos participantes e sobre a estrutura de programas já existentes fazem-se necessárias para avaliar o papel e o alcance das Universidades na construção de um discurso e de uma prática sobre o que é envelhecer para então modificar paradigmas ou construir novos.

No ano de 1999, Cachioni (2003) realizou análise dos programas das Universidades da Terceira Idade e localizou um total de 100 deles, concentrados na região Sudeste, especialmente no Estado de São Paulo, e com maior participação das universidades particulares, seguidas das federais e depois das estaduais. Minas Gerais respondia com 10% da participação dentre as Universidades da Terceira Idade no país.

Cachioni (2003) realizou em seu estudo a identificação de modelos de universidades da terceira idade no Brasil:

- Modalidade 1: A partir do modelo proposto pela UFSC, o primeiro modelo de educação para adultos e idosos criado em uma universidade. Ele surgiu com a iniciativa de profissionais da área de serviço social e enfermagem, oferecendo cursos e grupos para pessoas acima de 50 anos. Foi o único programa que apresentava Curso de Especialização em Gerontologia.
- Modalidade 2: Criado em 1984, na UFSM, ligado ao Centro de Educação Física e Desportos. Pioneiro em oferecer a possibilidade de os idosos cursarem disciplinas da graduação. Também oferece atividades físicas tanto no interior da universidade quanto através de atividades de extensão em asilos e centros de convivência. Pessoas acima de 60 anos podem se inscrever em atividades oferecidas por alunos da graduação e pós-graduação em Educação Física.
- Modalidade 3: Criada em 1992, na UERJ, por uma equipe multiprofissional da universidade. Caracteriza-se como microuniversidade temática, por meio das gerências de ensino, pesquisa e extensão. Possui o maior número de atividades oferecidas entre os programas do gênero. Pessoas acima de 60 anos escolhem por sorteio as oficinas que são oferecidas na modalidade semestral. Apresenta

preocupação na formação e especialização de recursos humanos na área gerontológica.

- Modalidade 4: Criada em 1991, na Universidade de Passo Fundo/ RS. Destaca-se pela preocupação no estabelecimento de propostas educacionais e metodológicas bem fundamentadas. As oficinas são frequentadas por pessoas de 12 a 91 anos, proporcionando convivência intergeracional. Também oferece Especialização em Gerontologia.
- Modalidade 5: Os modelos apresentados pela PUC Campinas e Universidade Metodista de Piracicaba foram criados no início da década de 1990, inspirando-se no modelo francês de universidades da terceira idade. Diferem dos demais pela organização das atividades, que se dividem em módulos e disciplinas. Fundamenta-se na proposta de educação permanente, onde pessoas acima de 50 anos podem se matricular.
- Modalidade 6: Criado em 1995, no campus da Escola Superior de Agricultura da USP, que implantou programas do gênero em todos os seus campi. As atividades são oferecidas a pessoas com idade acima de 60 anos, principalmente funcionários e professores aposentados da Escola Superior de Agricultura. As atividades oferecidas são ligadas à arte, cultura, turismo e condicionamento físico.

Considerando-se as universidades da terceira idade como um dos aparatos educacionais voltados para idosos de maior relevância, uma perspectiva histórica de seu desenvolvimento e revisão bibliográfica de artigos publicados sobre o assunto são necessárias para o aprofundamento das discussões levantadas a seguir.

1.2 Universidades da Terceira Idade

Os programas de educação para idosos, segundo Cachioni (1998) se desenvolveram inicialmente através de movimentos de educação para adultos, em cursos de alfabetização e atividades culturais e recreativas, em experiências ocorridas nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. As Universidades também atenderam a este chamado e, em 1973 surgiu, na França, a primeira Universidade da Terceira Idade, coordenada pelo professor de Economia Política Pierre Vellas. Inicialmente, em 1972, a idéia de Vellas era oferecer um curso de verão para aposentados,

com leituras semanais sobre tópicos que lhes interessasse, com grupos de discussão, seminários e atividades recreativas para que pudessem usufruir das possibilidades da Universidade. Porém, o sucesso entre os participantes foi tal que houve a solicitação unânime de um programa que seguisse todo o calendário acadêmico, em vez de ser apenas um curso de verão. A partir desse curso de curta duração, foi criada a primeira Universidade da Terceira Idade (HUANG, 2006). Nas décadas de 1970 e 1980, as Universidades da Terceira Idade proliferaram-se pela Europa, Estados Unidos e América Latina (CACHIONI, PALMA, 2006). Dois modelos de atuação em Universidades da Terceira Idade foram criados: o modelo francês e o modelo inglês.

O modelo francês, que também é adotado por outros países, apresenta características distintas no que tange seu funcionamento e sua manutenção. Ele apresenta uma estreita relação com Universidades estabelecidas, seja na utilização de seu espaço físico, seja pela contratação de professores egressos de Universidades. Possivelmente devido a esta ligação, este modelo de Universidade da Terceira Idade enfatiza altos padrões acadêmicos, tanto de seus alunos quanto dos docentes envolvidos. Além da ligação com as Universidades, o modelo francês possui forte associação com o governo local, que inclusive tem a capacidade de fundar e estabelecer Universidades da Terceira Idade (HUANG, 2006).

O modelo inglês é baseado no ideal de auto-ajuda, em que os próprios membros são estimulados a organizar cursos e atuar como palestrantes dos mesmos. Diferentemente do modelo francês, geralmente não há relação com o governo local e nem com Universidades. O objetivo central deste modelo é possibilitar aos idosos a troca de experiências e processos de revisão de vida, e não atuar apenas como receptores de informações (HUANG, 2006).

As primeiras experiências de educação para adultos no Brasil restringiram-se a movimentos populares de comunidades católicas e de sindicatos de trabalhadores com vistas à alfabetização (CACHIONI, 1998). O SESC, Serviço Social do Comércio, foi pioneiro na implantação de grupos de convivência para idosos com programação voltada para o lazer, na década de 1960 (CACHIONI, 1998), mas só na década de 1970 a instituição enfatizou em seus programas o caráter educacional (DOLL, 2007). O primeiro programa de atendimento ao idoso criado em uma Universidade ocorreu em 1982, na Universidade Federal de Santa Catarina. Além

do atendimento ao idoso, o programa objetivava a realização de estudos na área do envelhecimento e formação de recursos humanos em Gerontologia (CACHIONI, 1998).

Swindell e Thompson (1995) realizaram em seu estudo uma visão panorâmica sobre as Universidades da Terceira Idade ao redor do mundo. Os autores ressaltam que poucas pesquisas até então haviam sido publicadas sobre o tema, apesar da sua relevância e do rápido incremento no número de Universidades da Terceira Idade em todo o mundo.

Dentre os países pesquisados, os dois modelos mais adotados foram o francês e o inglês, sendo que em alguns casos, uma mistura de ambos foi construída a fim de se adaptar a idéia do modelo às condições específicas de cada localidade. O modelo inglês é seguido por todo o Reino Unido, Irlanda, Austrália e República Tcheca. O modelo francês é utilizado na França, Bélgica, Suíça, Holanda, Alemanha, Polônia, Países Escandinavos e Japão. A China apresenta modelos variados, alguns sendo vinculados às Universidades e outros a escolas livres, o que vai ao encontro das necessidades variadas apresentadas pela população idosa chinesa. A Áustria e os países do sudoeste europeu (Itália, Portugal, e Espanha) apresentam modelos variados; os últimos dois países citados convivem ainda com alto grau de analfabetismo presente na população idosa. Na época da publicação do artigo, os Estados Unidos não apresentavam um modelo de Universidade da Terceira Idade, e o que mais se aproximava disso eram os Institutos para o Aprendizado na Aposentadoria. Tais institutos apresentavam pontos de contato tanto com o modelo inglês (ideal de auto-ajuda) quanto com o modelo francês (valorização de padrões acadêmicos). No Canadá, o modelo encontrado como mais adotado foi o francês, mas algumas escolas apresentavam especificidades que as diferenciavam e assim atendiam a variada clientela idosa. Pouco foi discutido a respeito de Universidades da Terceira Idade na América do Sul, citando-se o exemplo argentino da Universidade de Entre Rios, que à época seguia o modelo francês.

Para a presente pesquisa, foram estudados artigos a partir da década de 1990, em inglês e português, na base de dados MedLine e Ageline, utilizando-se as palavras-chave *university* e *third age*. Na base de dados Scielo, foram utilizados os descritores *universidade* e *terceira idade*. A maioria absoluta dos artigos foi proveniente do periódico *Educational Gerontology*. Para esta revisão de literatura foram selecionados os artigos que discutiam o papel

das Universidades da Terceira Idade e apresentavam algum tipo de perfil dos participantes ou que descrevesse os modelos de Universidade existentes.

Os artigos foram divididos geograficamente entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, já que até mesmo a idade para ser considerado velho modifica-se de acordo com o país de origem (65 anos em países desenvolvidos e 60 naqueles em desenvolvimento). Os países da Península Ibérica foram considerados conjuntamente com a América Latina e Brasil por guardarem semelhanças culturais e de colonização com os países da América.

1.2.1 Europa, Ásia, América do Norte e Austrália

O primeiro grande estudo com objetivo de descrever as características dos participantes das U3I na Austrália foi realizado por Swindell, publicado em 1990. Foi realizada uma pesquisa tipo survey através do correio, sendo computadas as respostas de 100 membros (86 mulheres). O estudo revelou uma proporção de 6:1 de mulheres, e que os participantes apresentavam um nível educacional acima do observado na média geral da população de mesma idade. A maioria dos participantes (78%) era composta por “idosos jovens”, na faixa dos 55 aos 75 anos, cujas aspirações são bem diferentes dos “idosos velhos”, mais afligidos por problemas de saúde relacionados à idade. O artigo investigou, também, as razões pelas quais os idosos buscam os programas educacionais oferecidos pelas universidades. A mais importante delas foi a aquisição de conhecimentos, seguida por respostas que revelavam uma expectativa por novos laços sociais. Segundo o mesmo autor, o perfil dos participantes trouxe importantes reflexões sobre o papel das Universidades da Terceira Idade como um ‘filtro’ que seleciona os idosos mais jovens, com melhor nível educacional e melhor nível social.

Yenerall (2003) realizou um estudo sobre o histórico das Universidades da Terceira Idade na Finlândia, a partir da descrição da estrutura das aulas oferecidas, seu conteúdo e o perfil dos seus participantes. As escolas estudadas não apresentavam nenhum pré-requisito para o ingresso, resultando daí grupos com diversidade cultural, educacional e socioeconômica. Nem mesmo o critério etário era utilizado, sendo as informações sobre o envelhecimento abertas também para interessados de outras idades. A idade média dos participantes foi de 68 anos (variando entre 55 e 86 anos). A distribuição de gênero foi semelhante àquela encontrada em outros estudos sobre Universidades da Terceira Idade, com predominância de mulheres (85%),

mas as razões para tal fato não foram investigadas no artigo. Em relação à escolaridade, a maioria da amostra estudada havia completado algum tipo de formação após o ensino médio, sendo que 30% haviam cursado o ensino superior. Cerca de 70% da amostra completara, em média, 12 anos de escolaridade. Mais da metade eram casados e 22% eram viúvos. Também foram investigados os motivos pelos quais os idosos participavam de programas educacionais na velhice e a amostra estudada revelou motivações relacionadas a ganhos educacionais e culturais, sendo as razões envolvendo a socialização pouco citadas. O autor discute a importância da descrição do perfil para melhor adequação dos programas aos participantes, que apresentam características específicas de acordo com a coorte e sua situação socioeconômica.

Hori e Cusack (2006) realizaram um estudo comparativo das atitudes em relação ao envelhecimento e das necessidades educacionais de idosos canadenses e japoneses. Na amostra canadense, a média de idade foi de 75 anos, dos quais 73,8% eram mulheres e quase quarenta por cento havia completado o ensino superior. A amostra japonesa, dividida em duas cidades (Osaka e Nishinomiya), apresentou, respectivamente, média de idade de 66 e 70 anos, porcentagem de mulheres de 48% e 51% e formação no ensino superior de 10% e 17%, em cada uma das cidades. Os resultados do estudo sugeriam que os idosos canadenses apresentavam atitudes mais positivas em relação ao envelhecimento em comparação aos japoneses, e, enquanto estes buscavam por necessidades sociais e de comunicação, aqueles iam em busca de objetivos acadêmicos.

Os perfis encontrados bem como a origem cultural dos idosos estudados foram relacionados aos interesses de aprendizado citados. Os canadenses indicaram preferência por atividades voluntárias, comunicação com demais idosos e atividades físicas. Já os japoneses demonstraram interesse por atividades como história e cultura da comunidade, temas atuais e informações práticas sobre saúde. Na discussão, os autores levantam os pontos mais importantes que poderiam explicar as diferenças encontradas entre as amostras estudadas. A média de idade superior encontrada no Canadá foi considerada um indicativo de os programas estarem atingindo os 'realmente' idosos, inclusive aqueles considerados frágeis, adotando práticas simples como o transporte gratuito. As atitudes positivas em relação ao envelhecimento foram relacionadas diretamente à participação social dos idosos e as Universidades da Terceira Idade foram consideradas como de extrema importância na oferta de oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e físicas na velhice.

1.2.2 Península Ibérica, América Latina e Brasil

Barreto et al. (2003) realizou estudo com objetivo de descrever o perfil sócio-epidemiológico demográfico de mulheres idosas participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade oferecida pela Universidade Federal de Pernambuco. Foram pesquisadas 308 idosas, com idade a partir dos 60 anos com a utilização do *Brazilian Old Age Schedule* – BOAS – a fim de se investigar a situação pessoal e familiar e as condições socioeconômicas. Também foram investigadas as condições de autonomia e independência funcional no desempenho de atividades de vida diária. A estrutura do programa oferecida não foi alvo do estudo. Dentre os resultados mais relevantes, ressalta-se a predominância de idosas jovens (até 69 anos), com escolaridade de segundo grau completo (44,5%) e ensino superior completo (28,7%). As idosas da amostra foram consideradas independentes e autônomas para a execução de atividades de vida diária. Em relação ao estado civil, mais de quarenta por cento eram viúvas, mas apenas dezessete por cento moravam sozinhas. Segundo os autores, os resultados são semelhantes àqueles encontrados em outros estudos sobre participantes de Universidades da Terceira Idade no Brasil, exceto o fato da prevalência de idosos jovens. Discutiu-se o fato de os participantes deste tipo de programa apresentarem melhores condições econômicas, de saúde e de mobilidade funcional do que a média observada entre idosos de mesma idade da comunidade em geral. Foi ressaltada a importância de as Universidades da Terceira Idade serem multiplicadoras de ações de promoção e prevenção em saúde, tendo-se como alvo os idosos jovens e que ainda não desenvolveram nenhum tipo de incapacidade. Além disso, foi documentada a necessidade de a criação de programas que também atendessem idosas de classe social menos favorecida e com menores índices de escolaridade.

Fenalti e Schwartz (2003) realizaram uma pesquisa qualitativa com objetivo de comparar, entre homens e mulheres, os determinantes referentes à participação de idosos em uma Universidade da Terceira Idade do interior do estado de São Paulo, em relação ao grau de interesse pelas atividades oferecidas. Além disso, o estudo objetivou identificar as possíveis mudanças pessoais ocorridas ao longo do projeto, bem como as sugestões para otimizar o programa. Foram cadastrados no programa um total de 510 participantes, inscritos em diversas atividades como disciplinas regulares dos cursos de graduação da Universidade, atividades complementares didático culturais específicas para idosos e atividades físicas e esportivas. Ou

seja, além das atividades convencionais oferecidas com exclusividade a idosos, a possibilidade de vivências entre as gerações na participação em atividades regulares da graduação foi considerada um diferencial do programa. O estudo foi realizado com 57 indivíduos (45 mulheres), com idades variando entre 55 e 81 anos, mais da metade deles com no mínimo o ensino médio completo (24 pessoas haviam concluído o ensino superior). Em relação aos motivos para participar do programa, foram comparados os graus de importância dados por homens e mulheres. Ambos enfatizaram o desejo de participar de excursões, a procura pelo bem-estar em geral, namorar, preencher o tempo livre, ter formação superior e estar com pessoas de mesma idade. As diferenças mais acentuadas entre homens e mulheres estavam relacionadas à motivação *acompanhar o cônjuge* (mais citado por homens) e *participar de atividades culturais* – mais citado pelas mulheres. Em relação à preferência pelas atividades oferecidas, as mulheres e os homens relataram em comum com mais frequência o condicionamento físico e as excursões. Entre as disciplinas isoladas oferecidas, a de Ciência dos Alimentos apresentou um alto grau de interesse, o que as autoras associam aos motivos anteriormente citados de bem-estar e prática de atividades físicas. As mudanças pessoais apontadas pelos idosos apontaram para uma melhoria da saúde em geral, dos aspectos psicológicos e aprimoramento dos relacionamentos interpessoais. Na discussão proposta pelas autoras, a expressão ‘tempo livre’ é mencionada em associação a uma melhor qualidade de vida, desde que vivido de forma adequada e com boa qualidade. Os formatos das aulas bem como a filosofia que orientou a implantação do programa não foram alvo do estudo.

Veras e Caldas (2004) descrevem em seu artigo o programa Universidade para a Terceira Idade – UNATI – (programa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro) segundo a lógica da promoção da saúde do idoso, com objetivo de divulgar a experiência como um modelo de cuidado integral. Dentre os pontos positivos levantados, os autores ressaltam a oferta de convívio entre gerações numa ampla gama de cursos e atividades. O uso de tecnologias inovadoras e estrutura como laboratórios e bibliotecas também foram reconhecidos como diferenciais para o sucesso da experiência. A trajetória de vida do idoso é levada em consideração no planejamento das atividades, com metodologias adequadas aos valores, à cognição e às características individuais da velhice. Estruturas infantilizadoras, ou como mero preenchimento do tempo, foram evitadas, buscando-se uma relevância social para o programa. Além disso, o ideal de atenção e cuidado integral ao idoso necessariamente deveria incluir a formação de

profissionais com formação em gerontologia, de forma integrada. Apesar disso, admitiu-se que as atividades oferecidas não atingiam os idosos já com algum processo de deterioração das funções. Todo o programa foi concebido segundo os conceitos de saúde coletiva e de promoção da saúde, numa perspectiva de socialização de conhecimentos e a “formação de novos sujeitos das práticas de saúde.” (VERAS, CALDAS, 2004, p. 428). O projeto UNATI se autointitula como uma microuniversidade temática, como um centro de convivência ampliado, mas que ainda beneficiava uma pequena parcela dos usuários em potencial de seus benefícios. O artigo, apesar de mencionar uma filosofia como ponto de partida para a estruturação de todo o programa, não classifica os métodos de ensino nem descreve as atividades oferecidas. O perfil dos participantes não foi objetivo de discussão do estudo.

Alfageme (2007), a partir de uma perspectiva sociológica, examina as funções e ganhos dos programas educacionais para idosos na Espanha. O perfil estudado apresentava mais de sessenta por cento dos integrantes sendo do gênero feminino. Mais de setenta por cento dos participantes tinham menos de setenta anos de idade, sendo a participação daqueles com idade acima de 80 anos considerada insignificante. Em relação ao estado civil, a amostra apresentou um índice superior ao esperado de pessoas viúvas, solteiras e separadas, visto ser composta por idosos jovens. O nível de escolaridade mostrou claramente o efeito coorte, em que quanto mais velhos os idosos, menor o índice de escolaridade, mas toda a amostra apresentava níveis superiores de escolaridade em relação à população de mesma idade na Espanha. Da mesma forma se comportou a variável renda. A maioria dos idosos pesquisados era aposentada, estando poucos ainda no mercado de trabalho ou poucos sendo donas-de-casa. O autor enfatiza o papel das Universidades da Terceira Idade em preencher tanto objetivos educacionais quanto sociais, especialmente entre aqueles de nível educacional mais baixo. Discute-se ainda a idade como pré-requisito, o que pode impedir a participação de pessoas interessadas pelo envelhecimento de forma geral e prejudicar uma real inserção social inter-geracional. Além disso, as Universidades da Terceira Idade foram reconhecidas como ‘filtros’ que selecionam os idosos com melhor nível educacional e renda. O autor defende melhor divulgação dos programas a fim de se atingir uma população mais variada e a criação de grupos locais espalhados pelas comunidades, para que o aspecto da distância não impeça que os idosos mais velhos e muitas vezes mais frágeis fisicamente possam participar e adquirir todos os benefícios já discutidos.

Estudos recentes sobre as Universidades da Terceira Idade trazem esclarecimentos sobre o perfil dos participantes e o modelo de ensino utilizado pelas instituições, com o intuito de se analisar, criticamente, os avanços e os desafios dos programas educacionais para idosos.

Williamson (2000) realizou uma pesquisa na cidade de Liverpool, no Reino Unido, com o objetivo de investigar o porquê da prevalência feminina na participação em Universidades da Terceira Idade. Além da maior proporção numérica em participação, os dados demonstraram que as idosas também apresentavam níveis mais altos de educação formal e de renda. A participação feminina em outros países como Reino Unido e Austrália gira em torno de três quartos a oitenta por cento. Algumas explicações buscam identificar os fatores para tal proporção. As mulheres geralmente aposentam-se mais cedo, mas não deixam de se dedicar a atividades domésticas. O estado civil entre homens e mulheres idosos também pode ser relacionado à maior participação feminina. Homens viúvos tendem a se casar novamente, e então suas vidas sociais, na maioria das vezes, inclui necessariamente suas esposas. As mulheres que vivem sozinhas e são viúvas ou solteiras, buscam relações sociais em outros ambientes, dentre eles, as Universidades da Terceira Idade. Na verdade, a maior participação feminina em tais programas reflete uma variedade de fatores, que podem ser resumidos em interesses pós aposentadoria, a feminização das Universidades da Terceira Idade, o estado civil de seus participantes e os grupos sociais a que os idosos pertencem. Os resultados do estudo, que utilizou metodologia qualitativa através de entrevistas semi-estruturadas, analisaram as diferenças de participação em relação a gênero. O primeiro item a ser discutido foi a inclinação de os homens estagnarem após a aposentadoria. O comportamento das mulheres foi considerado mais ativo, e os processos de socialização entre homens e mulheres e suas idéias sobre o que representa a aposentadoria diferem de acordo com o gênero. A dificuldade que os homens apresentam em adaptar-se à aposentadoria foi considerada como resultado de uma geração que trabalhou duro e não teve tempo para desenvolver atividades de lazer. A companhia de outros homens na época em que trabalhavam é perdida com a aposentadoria e as Universidades da Terceira Idade não oferecem grupos específicos que possam preencher essa necessidade. Alguns homens apresentam problemas de saúde ao chegar à velhice que impedem sua participação nos programas. Ao mesmo tempo, as mulheres descobrem uma grande liberdade ao chegar à velhice, quando os papéis de mãe e dona de casa já foram cumpridos. A maioria busca as vantagens oferecidas pelas Universidades da Terceira Idade porque não têm mais um parceiro ou a companhia dos filhos, e então saem em busca de grupos

com interesses e características semelhantes. As evidências sugerem que a aposentadoria é um dos maiores desafios da velhice, mais para os homens do que para as mulheres. O autor discute que existem de fato diferenças de gênero na participação de idosos em programas educacionais. Razões fortes para isso são a coorte de pertencimento, os interesses individuais, saúde física e papel do gênero na socialização, mas todas elas não são específicas para as Universidades da Terceira Idade. A estrutura das aulas e os assuntos foram considerados feminilizados, o que pode explicar o afastamento dos homens, que também parecem não querer se envolver em organizações de idosos que são dominadas por mulheres.

A importância das relações sociais no processo de ensino-aprendizagem foi o tema central da pesquisa de Ballester et al. (2005). O estudo objetivou analisar estratégias educacionais que poderiam beneficiar o aprendizado entre idosos participantes de uma Universidade da Terceira Idade da Espanha. A partir de uma metodologia qualitativa, o discurso de alunos e professores, previamente gravados em equipamento de áudio, foi analisado. As principais estratégias que favoreciam o diálogo foram selecionadas para análise. Dentre os principais resultados discutidos, algumas estratégias foram consideradas eficazes no desenvolvimento de diálogos e na compreensão dos temas propostos. Lançar mão do conhecimento prévio dos alunos sobre os temas, apresentar argumentos complementares e diferentes versões, engajar indivíduos na defesa de opiniões contrárias, construir coletivamente em pequenos grupos argumentos de uma temática e criar experiências de aprendizado práticas foram as principais estratégias reconhecidas no estudo. Os autores apontam que tais estratégias apresentam pontos chave em comum, a começar da aceitação incondicional de opiniões, que oferece material para discussões ricas e sem preconceitos. Outro ponto em comum é a utilização do método socrático indutivo, baseado na exposição de situações a fim de se extrair argumentos e desenvolver uma discussão. Os autores concluem que o encorajamento do pensamento crítico por educadores de idosos faz a ligação entre o senso comum e o conhecimento científico, o que, por sua vez, aprimora habilidades de comunicação e organiza o pensamento, facilitando a defesa de argumentos durante interações sociais cotidianas. Além disso, práticas pedagógicas que valorizam o conhecimento prévio dos alunos idosos ajudam a construir o papel de estudantes como sujeitos conhecedores de algo, e que podem defender seu ponto de vista dentro de um determinado grupo.

Huang (2005) realizou um estudo descritivo sobre a implantação das Universidades da Terceira Idade em Taiwan e buscou as razões porque os modelos apresentados são como são. O histórico político e educacional pelo qual os idosos da atualidade atravessaram é documentado, evidenciando-se um passado agrário que não estimulava a educação formal na infância e juventude e governos autoritários que impediam o livre exercício de direitos e liberdades individuais. A coorte de idosos que atualmente frequenta programas educacionais apresenta baixos níveis de escolaridade e experimentou pouco a sensação de liberdade proporcionada pela democracia. As Universidades para Terceira Idade começaram a ser implantadas no país na década de 1980, momento em que não havia um arcabouço legal que pudesse justificá-las. Por isso, sua expansão só ocorreu a partir da década de 1990 até os dias atuais. O modelo de Universidade para a Terceira Idade encontrado em Taiwan reflete tanto o histórico educacional dos idosos quanto suas experiências de viver sob um regime autoritário. Os programas são todos gerenciados pelo governo, sem ligação com as Universidades do país, e as aulas são centradas, tradicionalmente, na figura do professor, sem uma participação efetiva por parte dos idosos. Entretanto, o autor aponta que os organizadores de programas para a terceira idade devem ter em mente que as coortes de idosos que se sucedem na busca por objetivos educacionais diferem entre si exatamente por este histórico, que se modifica ao longo do tempo. Esta mudança deve fazer com que o modelo atual torne-se desatualizado para os participantes futuros, que certamente terão um nível educacional mais alto e terão passado a maior parte de suas vidas sob influência do regime democrático adotado a partir da década de 1980.

2. JUSTIFICATIVA

A relação entre perfis de participantes e a estrutura das Universidades da Terceira Idade pode ser considerado um assunto ainda pouco explorado, mas que apresenta antecedentes suficientes para orientar pesquisas. Estudos realizados em outros países trazem importantes informações sobre achados e futuras recomendações de pesquisas nesta área, incluindo qual seria a melhor forma de oferta dos programas e como alcançar os idosos que mais poderiam ser beneficiados pelos objetivos propostos. Por isso, o conhecimento do perfil dos participantes, aliado à descrição dos programas em suas principais características, pode ajudar a definir novas estratégias ou a manter aquelas que forem consideradas satisfatórias.

A discussão sobre o desenvolvimento de novos paradigmas ou fundamentos na educação de idosos é possível a partir do conhecimento das estruturas presentes atualmente e como tais ofertas podem ser ou não um filtro seletivo de participantes, apontando para a dinâmica existente entre as formas de apresentação dos programas e o público atingido pelos mesmos. Além disso, as universidades da terceira idade podem refletir concepções sobre velhice adotadas pelas instituições, influenciando na criação dos programas.

3. OBJETIVOS

A proposta deste trabalho toma por suposto que a estrutura das Universidades da Terceira Idade reflete uma concepção sobre o que é ser velho e sobre o uso do tempo livre, sob a ótica da idade como um direito e como uma conquista, com reflexos diversos nos diferentes grupos de idosos e para com a sociedade na qual se encontram inseridos. O estudo dos modelos dos programas investigará quais são as concepções ou teorias adotadas na construção dos programas, segundo a visão dos coordenadores.

Os programas educacionais para idosos devem responder aos anseios por educação e cultura dos sujeitos, devem ser acessíveis a vários grupos sociais e apresentarem objetivos definidos. A fim de se atingir este ponto, é importante analisar os tipos de ofertas, seus objetivos, conteúdo e o perfil dos alunos atendidos pelas Universidades da Terceira Idade.

3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho foi descrever e analisar as características dos idosos inscritos em programas educativos para a Terceira Idade (Universidades da Terceira Idade) em instituições educacionais públicas e privadas e ensino superior de Minas Gerais, especificamente da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

3.2 Objetivos Específicos

1. Levantar as características sócio-demográficas (idade, nível educacional, renda, estado civil, gênero, situação de moradia) dos idosos das instituições Projeto Maioridade (Universidade Federal de Minas Gerais), Melhor Idade em Ação (Universidade Fumec) e UNIdoso (Centro Universitário UNI-BH).
2. Caracterizar a proposta educativa dos programas quanto à forma de oferta e admissão dos cursos, objetivos, carga horária, conteúdo, metodologia, ano de implantação, tipo de vínculo com a Universidade e corpo docente.
3. Investigar relações entre a proposta educativa e as características da clientela idosa de cada uma das instituições.

4. MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa tem caráter descritivo, com amostra natural compostas pelos idosos participantes de Universidades da Terceira Idade da Região Metropolitana de Belo Horizonte – MG. Os indivíduos presentes nos dias em que foram feitas as visitas foram convidados a participar da pesquisa no próprio local de funcionamento dos programas, no segundo semestre do ano de 2008. Um total de 101 idosos respondeu aos questionários e três coordenadoras responderam sobre os respectivos programas. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3).

Os programas da UFMG, do Centro Universitário UNI-BH e da Fumec Nova Lima foram incluídos neste estudo. Os programas da UEMG e das Faculdades Estácio de Sá apresentavam várias turmas em horários concomitantes, o que inviabilizaria a pesquisa em seu sentido logístico por contar com apenas uma pesquisadora. O programa da PUC-Contagem acontece nos primeiros semestres de cada ano, portanto, ela não se encontrava em funcionamento no período da coleta dos dados. Para a seleção das instituições foram adotados os seguintes critérios:

- Estar em funcionamento há pelo menos um ano;
- Autodenominar-se universidade ou faculdade da terceira idade;
- Estar em funcionamento no segundo semestre de 2008;
- Não apresentar o funcionamento de várias turmas concomitantes, em que o participante inscreve-se em vários cursos ao mesmo tempo.

Em relação aos participantes, os critérios de inclusão foram:

- Estar efetivamente inscrito na Universidade da Terceira Idade;
- Concordar em participar da pesquisa após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa nos locais de funcionamento das Universidades da Terceira Idade, após prévio acordo com as coordenadoras dos mesmos. Foi reservada uma parte do horário das aulas à pesquisadora, para que pudesse ser realizado o esclarecimento quanto aos objetivos da pesquisa, a garantia de que a participação nos programas

não seria afetada mesmo com a recusa em participar da pesquisa. Foi assegurado o anonimato e sigilo das informações.

Foi realizado um teste-piloto, com cinco idosos da comunidade que participavam de grupos de convivência, em que as perguntas consideradas dúbias foram reformuladas com a ajuda dos mesmos, bem como foi observado o tempo de resposta ao teste, durando em média 15 minutos.

O questionário foi autoaplicado (tanto dos idosos quanto das coordenadoras). A pesquisadora colocou-se à disposição para auxiliar no preenchimento em casos de déficit visual ou impossibilidade de leitura. Apenas no programa da Fumec seis idosos solicitaram ajuda no preenchimento, pois, apesar de serem capazes de ler, apresentavam grande dificuldade na leitura das perguntas. Quando feitas oralmente, não apresentaram dificuldades em respondê-las.

O questionário endereçado às coordenadoras foi utilizado para a caracterização das Universidades da Terceira Idade pesquisadas. Com as respostas dadas pelas coordenadoras, foram traçadas as linhas gerais de cada programa. A partir disso, foi possível realizar um paralelo entre as instituições, ressaltando-se as semelhanças e diferenças. Para o questionário dos coordenadores, utilizou-se como ponto de partida os estudos de Cachioni (2003) e Cachioni Socias *et al* (2004) que analisaram, respectivamente, os professores de programas educacionais para idosos no Brasil e as Universidades da Terceira Idade na Espanha. Em relação à estrutura do programa, investiga-se se a formação de seus coordenadores ocorreu na área da Gerontologia ou em áreas afins; há quanto tempo existe o programa; quais seus objetivos; a partir de qual teoria ou filosofia foi realizada a criação ou justificativa do projeto, bem como de seus objetivos. O formato dos programas será investigado através da frequência e duração das aulas, seu conteúdo e sua forma de abordagem (aulas expositivas, práticas, mesas redondas, seminários, dentre outros). O total de participantes, os pré-requisitos ao ingresso, a cobrança de taxas ou mensalidades e as formas de divulgação dos programas serão relacionados entre si a fim de se analisar qual o impacto dos mesmos para a participação no grupo estudado. A tendência progressiva em reconhecer os idosos como estudantes da Universidade e portadores de direitos como tais (CACHIONI, SOCIAS, 2004) será investigada questionando-se a respeito da representatividade

política dos idosos na Universidade, como membros de reuniões colegiadas ou pela possibilidade de escolha de coordenadores dos programas por voto direto.

As perguntas dos questionários endereçados aos idosos (Apêndice 1) foram selecionadas a partir de revisão de literatura sobre pesquisas envolvendo perfis de participantes realizadas em outros países e que discutiam como variáveis demográficas poderiam evidenciar a escolha por determinados tipos de programas educacionais em detrimento de outros. As variáveis mais discutidas foram idade, gênero, renda e nível de escolaridade. O formato das perguntas foi baseado na pesquisa realizada pelo SESC SP e Fundação Perseu Abramo (NERI, 2007). Foi composto um questionário com dez perguntas.

Segundo artigo espanhol (ALFAGEME, 2007), muitos idosos buscam as Universidades da Terceira Idade por serem aposentados recentes ou morarem sozinhos, o que explica a inclusão das perguntas sobre o tempo de aposentadoria e com quantas pessoas cada idoso vive atualmente. Para conhecer os veículos de informação a que estes idosos tiveram acesso, foi feita a pergunta sobre como conheceram o projeto.

4.1 Participantes

Um total de 101 idosos respondeu os questionários, sendo 52 da UFMG, 22 da FUMEC e 27 da UNI-BH. Tais valores correspondem, respectivamente, a 48,6%, 62,8% e 38,6% dos totais dos grupos pesquisados. Segundo informações das coordenadoras, é comum o absenteísmo dos alunos, e apenas nas palestras de abertura e de encerramento é maior a probabilidade de ocorrer o comparecimento da totalidade dos alunos inscritos. O absenteísmo é atribuído ao papel de cuidadores desempenhado por muitos deles (netos e cônjuges) ou por problemas passageiros de saúde. Nos dias em que as coletas dos dados foram feitas, 54 idosos estavam presentes na UFMG, 22 na Fumec e 28 na UNI-BH. A diferença entre os idosos presentes e o número de questionários respondidos equivale ao número de sujeitos que não demonstraram interesse em participar da pesquisa. O envio dos questionários pelo correio aos idosos ausentes não foi considerado, visto esta modalidade de coleta apresentar baixos índices de devolução e não ser possível saber de antemão os níveis de escolaridade dos idosos inscritos.

Apesar dos três projetos preconizarem como pré-requisito a idade de 60 anos ou mais, dois sujeitos apresentaram idade inferior (57 e 59 anos) nas instituições Fumec e UFMG.

4.2 Instrumentos

Questionário sociodemográfico para os idosos. (Apêndice 1): gênero, idade, naturalidade, escolaridade, profissão, quanto tempo de aposentadoria, situação conjugal, renda familiar, arranjo de moradia e como tomou conhecimento do programa.

Questionário perguntas abertas para coordenadoras. (Apêndice 2): nome do programa, titulação dos coordenadores, ano de criação, programa ao qual está vinculado, objetivos do programa, teoria ou filosofia utilizada, frequência e duração das aulas, programação oferecida em 2008, formato das aulas, custo da participação para os idosos, pré requisitos exigidos, total de participantes em 2008, formas de divulgação dos programas e representação política exercida pelos idosos.

4.3 Análise dos Dados

As informações sociodemográficas dos idosos dos três programas foram comparadas observando-se as porcentagens das categorias criadas dentro das variáveis pesquisadas. Foi utilizado o software SPSS versão 18 para Windows.

Os programas foram analisados a partir de pesquisa descritiva documental (artigos da imprensa, informativos, documentos da Universidade) e questionários respondidos pelos coordenadores, buscando-se descrever as formas de divulgação dos programas e de entrada dos participantes, objetivos dos cursos, carga horária, assuntos abordados e o tipo de vínculo das Universidades da Terceira Idade com as Universidades e governo locais. Os assuntos abordados nos programas foram classificados segundo as necessidades educacionais de McClusky, já as categorias apresentadas pelo autor foram consideradas mais congruentes com os temas apresentados e mais facilmente relacionados com os títulos das palestras a partir da programação oferecida pelas coordenadoras.

5. RESULTADOS

5.1 As Universidades da Terceira Idade

A seguir, são apresentadas as respostas obtidas a partir do questionário endereçado às coordenadoras das Universidades da Terceira Idade. Ao final da descrição de cada programa, é apresentado um quadro resumo comparando-se as principais informações entre as três instituições pesquisadas.

5.1.1 Universidade FUMEC. Nome do Programa: Melhor Idade em Ação

O programa Melhor Idade em Ação é coordenado por uma terapeuta ocupacional, especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), Mestre em Projetos Mecânicos pela Universidade Federal de Minas Gerais. O projeto foi criado em 2005, como um projeto de extensão interdisciplinar entre os cursos de Terapia Ocupacional, Enfermagem, Educação Física, Fisioterapia e Fonoaudiologia, todos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade FUMEC.

Os objetivos principais do programa podem ser divididos em dois alvos principais: o idoso participante e o graduando da instituição dos referidos cursos acima citados. No que tange aos idosos, o programa objetiva melhorar a autonomia e a perspectiva de vida, através de ações educativas programadas. Além disso, o programa oferece informações sobre diversos temas e estimula a troca de experiências entre os idosos, buscando valorizá-los e melhorar sua qualidade de vida através das informações transmitidas. Em relação aos alunos dos cursos da área de saúde, o programa busca oferecer a eles a possibilidade de desenvolver habilidades necessárias na vida profissional, como iniciativa, espírito crítico, habilidades interpessoais no contato com idosos, compromisso, respeito e solidariedade. No curso de graduação em Terapia Ocupacional, os alunos da disciplina “Atividade e Desenvolvimento Humano do Adulto e Idoso” têm a oportunidade de vivenciar atividades junto com idosos em atividades práticas programadas fora da sala de aula através de oficinas.

Segundo informações da coordenadora, o programa Melhor Idade em Ação é baseado na teoria de que a estimulação e a atividade são os melhores meios para minimizar os efeitos

negativos do envelhecimento, através da ativação das capacidades funcional, biológica, física e mental. Nesse processo, o idoso mantém e/ou aprimora sua condição de saúde, desperta sua consciência de ser o sujeito principal da própria vida, aprende a se posicionar e a buscar a satisfação nas realizações do dia-a-dia, exercendo seu direito à alegria, esperança e criatividade. Segundo a coordenadora do programa, a formação de recursos humanos na área gerontológica também é fundamental para lidar com as consequências do envelhecimento populacional. Isso implica uma concepção de ensino que tenha um enfoque globalizador, o que requer metodologias abrangentes que estabeleçam as possíveis relações entre os conteúdos ministrados e a intervenção na realidade. Nesse sentido, as atividades extensionistas veem complementar a formação dos alunos, na medida em que esses confrontam os conteúdos acadêmicos com outros saberes e técnicas, viabilizando o surgimento de novas produções e conhecimentos. Além disso, cria-se a possibilidade de uma relação de diálogo e comunicação entre os alunos e os idosos no sentido de uma assistência interativa, mais adequada às diversidades do envelhecimento.

O programa tem duração de seis meses, com um encontro semanal que dura três horas e meia, cada um. As aulas são oferecidas no formato de aulas expositivas, atividades práticas, visitas guiadas a museus e parques, atividades físicas e festas para confraternização. O projeto não tem custo para os idosos, já que a Universidade FUMEC arca com as despesas de pagamento dos profissionais convidados, lanches e materiais. A Prefeitura Municipal de Nova Lima, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, contribui com o transporte (ônibus) buscando os idosos em pontos próximos às respectivas residências e levando-os até a Universidade.

Os pré-requisitos para participação no programa são ser morador de Nova Lima, ter idade igual ou superior a 60 anos e não apresentar déficit cognitivo significativo (avaliado pelo Mini Exame do Estado Mental, Teste do Relógio e entrevista).

A Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Nova Lima repassa para a coordenação do Melhor Idade em Ação uma lista com o nome e telefone dos idosos cadastrados a partir de projetos sociais como bolsa família. As monitoras do projeto ligam para esses idosos (a partir de sorteio) explicando o projeto e convidando a participar do processo seletivo. Caso eles tenham interesse, é marcada uma visita, onde são realizados testes de rastreio para demências (MEEM e Teste do Relógio). Os critérios para participarem do programa são idade acima de 60 anos,

capacidade de deambular de forma independente mesmo com uso de dispositivos auxiliares (bengala, andador) e não apresentar déficit cognitivo grave. Aqueles que participam ao longo de um ano não participam no ano seguinte, mas são todos convidados para as festas de confraternização e de encerramento do programa. Os idosos que apresentam algum tipo de comprometimento grave da memória são então encaminhados para serviços específicos de reabilitação cognitiva, oferecidos pelo município.

Em 2008, 35 idosos participaram do programa. A lista é completamente renovada de um ano para outro e os idosos não têm representatividade política na Universidade. A programação do ano de 2008 está demonstrada no quadro a seguir.

Quadro 1. Temas oferecidos no “Melhor Idade em Ação” em 2008.

TEMA	LOCAL
Conhecendo o projeto - Aplicação de questionários	FCS/FUMEC
O cuidar na terceira idade	FCS/FUMEC
Conheça seu corpo / Museu de Ciências Morfológicas da UFMG	MCM/UFMG
Atividade conduzida pelos monitores do projeto - Informática	FCS/FUMEC
Atividade física	FCS/FUMEC
Nutrição no envelhecimento	FCS/FUMEC
Doenças mais frequentes e a utilização de medicamentos	FCS/FUMEC
Festa Junina	EXTERNO
Dança, teatro e coral	FCS/FUMEC
Depressão	FCS/FUMEC
Atividade conduzida pelos monitores do projeto - Reciclagem	FCS/FUMEC
Visita ao Museu de Artes e Ofícios	EXTERNO
Política Nacional do Idoso	FCS/FUMEC
Evite as quedas: adaptações ambientais para a terceira idade	FCS/FUMEC
Finitude	FCS/FUMEC
Resgate ocupacional – Vista ao Museu de Artes e Ofícios	EXTERNO
Saúde e religiosidade	FCS/FUMEC
Importância do lazer	FCS/FUMEC
Memória	FCS/FUMEC
Formação de grupos de convivência	FCS/FUMEC
Confraternização	FCS/FUMEC

Em relação à pergunta ‘Como o Sr/Sra. tomou conhecimento deste projeto?’, quase 60% do grupo estudado foi convidado a participar do projeto através de contato feito pela própria universidade, na maioria das vezes por telefone. Os idosos cadastrados em programas sociais passam por exames que envolvem testes cognitivos. Aqueles que não apresentaram déficit cognitivo importante que poderia indicar presença de doença neurológica são então convidados a participar do programa, que também conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Nova Lima no transporte dos idosos até a instituição. A resposta à pergunta como o Sr/Sra tomou conhecimento deste projeto está ilustrada na figura a seguir.

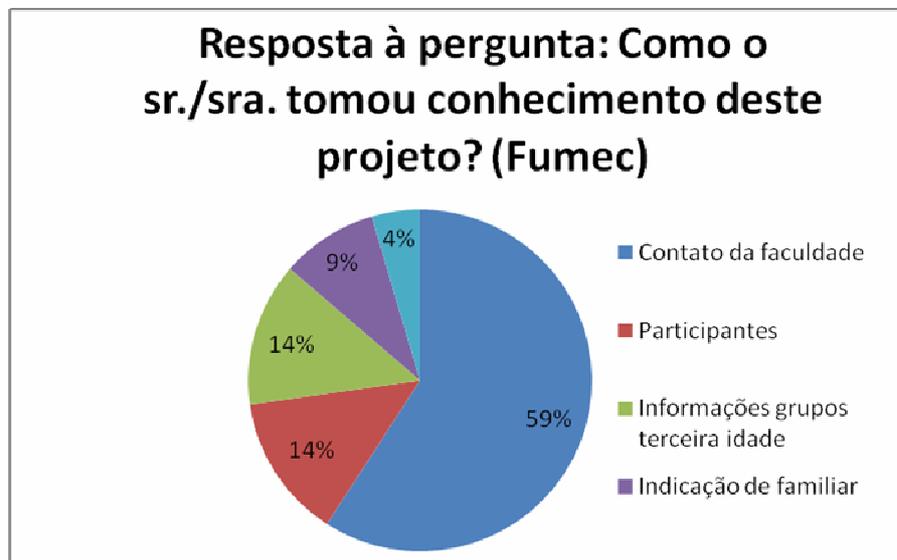


Figura 1. Formas de divulgação do “Melhor Idade em Ação – Fumec” relatadas pelos idosos participantes

5.1.2 Universidade Federal de Minas Gerais. Nome do Programa: Universidade Aberta para a Terceira Idade – Projeto Maioridade

O projeto Maioridade é o mais antigo da região metropolitana de Belo Horizonte, completando 15 anos de existência em 2008. As coordenadoras são uma fisioterapeuta – doutora em Reabilitação - e uma terapeuta ocupacional – doutora em Demografia, ambas especialistas em Gerontologia pela SBBG. O Projeto Maioridade constitui-se no formato extensão entre os Departamentos de Terapia Ocupacional e de Fisioterapia, ambos da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

O objetivo principal do projeto é fornecer informações para um envelhecimento saudável e com qualidade. Seu fundamento é baseado na educação continuada e as aulas utilizam metodologias ativas para estimular a participação dos idosos.

O programa é oferecido entre os meses de agosto a dezembro, duas vezes por semana, com duração de três horas cada encontro. As aulas são oferecidas no formato de palestras, mesas redondas, aulas práticas, oficinas, atividades socializantes (excursões) e visitas guiadas. Os temas são divididos entre os meses da seguinte forma: agosto – saúde e envelhecimento saudável; setembro – movimento e qualidade de vida; outubro – aspectos psicológicos e sociais; novembro - cotidiano e cultura; dezembro – avaliação e encerramento.

O projeto apresenta um custo mensal de R\$ 50,00 (cinquenta reais) para os idosos. O pré-requisito é apresentar idade igual ou superior a 60 anos e, em 2008, 107 idosos participaram do projeto. A divulgação do programa se dá através de jornais, rádio e pela internet. Os idosos não possuem representatividade formal na Universidade. A programação do ano de 2008 está demonstrada no Quadro 2, abaixo.

Quadro 2. Temas oferecidos pelo Projeto Maioridade 2008

04/08/2008	Conferência de Abertura Vida: descoberta, mistério e legado
07/08/2008	Dinâmica de recepção Chegando a Universidade: novos caminhos
11/08/2008	Aprender na maturidade: significado e motivação
14/08/2008	Medicamentos genéricos
18/08/2008	Cotidiano do Maioridade
21/08/2008	Cuidados com o coração
25/08/2008	Estimulação da memória
28/08/2008	Qual-idade de vida?
01/09/2008	Exercício físico regular
04/09/2008	Alongue-se: seja flexível
08/09/2008	Exercícios na terceira idade: uma atualização
11/09/2008	Pilates
15/09/2008	Posturas para conservação de energia
18/09/2008	Cotidiano do Maioridade
22/09/2008	Educação postural

25/09/2008	Massagem
29/09/2008	Dor na perna: o que você precisa saber
02/10/2008	Reminiscência: a memória como patrimônio
06/10/2008	Atividade de socialização
09/10/2008	Como você quer envelhecer?
13/10/2008	Relações interpessoais: Encontros e desencontros
16/10/2008	Esquecimento e desatenção: o que você precisa saber
20/10/2008	Apresentação do coral do Projeto Maioridade
23/10/2008	Origami: a arte da dobradura
27/10/2008	Afeto e redes sociais no processo de envelhecimento
30/10/2008	Cotidiano do Maioridade
03/11/2008	O idoso no trânsito
06/11/2008	Destino do lixo
10/11/2008	Economia doméstica
13/11/2008	Conversando sobre cinema
17/11/2008	Cotidiano do Maioridade
20/11/2008	Lazer: ampliando possibilidades
24/11/2008	Concerto comentado
27/11/2008	Uma tarde no museu Visita guiada ao Museu de História Natural - UFMG
01/12/2008	Encerramento
04/12/2007	Avaliação

A figura 2, a seguir, mostra as porcentagens das respostas dadas pelos idosos em relação à divulgação do programa Maioridade – UFMG.

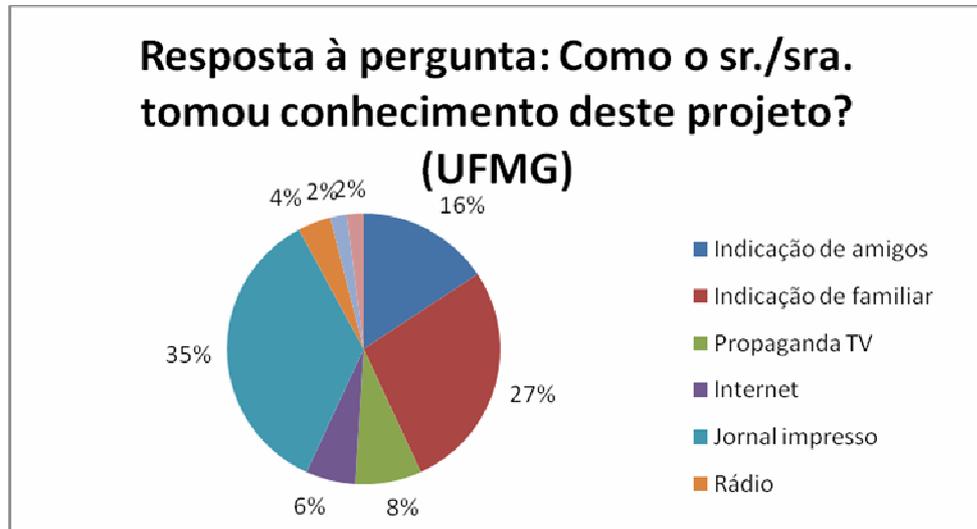


Figura 2. Formas de divulgação do “Maioridade – UFMG” relatadas pelos idosos participantes

5.1.3 Centro Universitário UNI-BH. Nome do Programa: UNIdoso

O programa do Centro Universitário UNI-BH foi criado em 2007 e sua coordenadora é fisioterapeuta, especialista em Gerontologia pela SBGG e mestre em Ciências da Reabilitação pela UFMG. O programa é vinculado à Coordenadoria de Programas de Extensão.

Os objetivos do programa dividem-se entre o geral e os específicos. O objetivo geral é organizar e articular as ações desenvolvidas no UNI-BH para ou sobre a terceira idade tornando o centro universitário uma referência em atividades voltadas para o idoso e em produção de informação e formação em Gerontologia. Os objetivos específicos visam organizar as ações do ensino, pesquisa e extensão na graduação e na pós-graduação na área de Gerontologia e que são desenvolvidas no UNI-BH, articulando as ações já existentes na instituição entre os diversos departamentos e evitando a superposição de atividades semelhantes. Além disso, o UNIdoso busca oferecer atividades de promoção e prevenção em saúde voltadas para a terceira idade, através de atividades educativas, culturais e de lazer, tendo como foco a manutenção de uma qualidade de vida satisfatória para a comunidade idosa, tanto dentre os participantes do programa quanto para outros grupos de convivência do município e residentes de instituições de longa permanência. O convívio intergeracional é considerado um dos objetivos específicos do programa, visto que possibilita repensar representações sociais pré-estabelecidas. A formação

gerontológica da sociedade em geral, das famílias dos idosos, de cuidadores, de profissionais da saúde, dos discentes envolvidos no programa, assim como o desenvolvimento de um banco de dados sobre o envelhecimento são outros objetivos específicos do programa, que também enfatiza o compromisso social e de cidadania alcançado através da integração do UNI-BH com a comunidade, os profissionais, as demais instituições de ensino e o poder público.

O principal fundamento sobre o qual o projeto se apóia é da contribuição social das instituições de ensino superior para a comunidade onde elas estão inseridas, além da tríade “ensino, pesquisa e extensão” presente nas instituições de ensino superior.

As aulas são oferecidas no formato de dinâmicas, atividades em grupo, exibição de filmes, visitas a parques e museus, atividades físicas, oficinas e aulas expositivas. Não há custo para a participação dos idosos no programa.

O UNIdoso é oferecido durante o período letivo dos semestres da Universidade, quatro meses por semestre, com um encontro semanal de duas horas por dia. Os pré-requisitos são ter idade igual ou acima de 60 anos e ter disponibilidade para frequentar pelo menos 75% das aulas. Em 2008, 70 idosos participaram do Projeto Vivendo e Aprendendo – Universidade da Terceira Idade. O projeto foi divulgado através de jornais, rádio, internet, líderes comunitários e cartazes em grupos de convivência da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Em relação à representatividade dos idosos junto à Universidade, são eleitos dois membros do projeto que então participam das reuniões para organização das atividades a serem oferecidas e que representam o projeto em eventos e fóruns da área. As atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2008 estão representadas no Quadro 3.

Quadro 3. Temas oferecidos pelo UNIdoso em 2008.

01/08 a 15/08 –	Inscrições
03/09 –	Abertura: Envelhecimento autônomo e independente
10/09 –	Segurança na terceira idade
17/09 –	Hipertensão arterial sistêmica
24/09 –	Economia doméstica
31/09 –	Comemoração do Dia do Idoso

01/10 –	Histórias do Brasil
08/10 –	Primeiros Socorros
22/10 –	Plantas medicinais
29/10 –	Passeio Museu Inhotim
05/11 –	Constipação Intestinal
12/11 –	Movimentos políticos e terceira idade
19/11 –	Musicoterapia
26/11 –	Encerramento

A figura 3 a seguir ilustra as porcentagens das respostas dadas à pergunta ‘como o Sr./sra. tomou conhecimento deste projeto?’

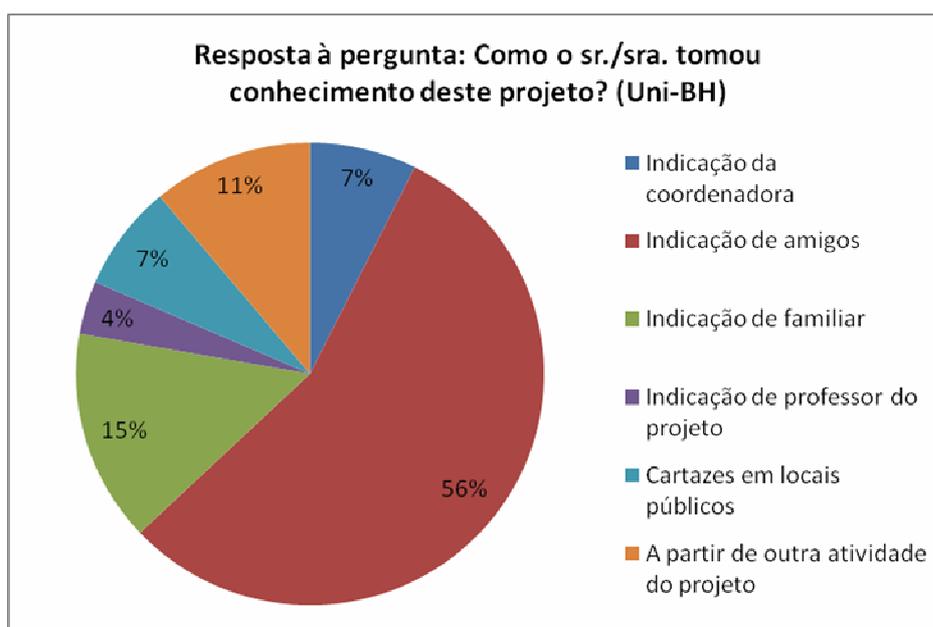


Figura 3. Formas de divulgação do “UNIdoso – UNI-BH” relatadas pelos idosos participantes.

A seguir, é apresentado um quadro resumo comparativo com as principais características levantadas em questionário enviado às coordenadoras dos três projetos.

Quadro 4. Características das Universidades da Terceira Idade

	Fumec	UFMG	UNI-BH
Ano criação	2005	1993	2007
Formação coord.	Esp. Geront. SBGG	Esp. Geront. SBGG	Esp. Geront. SBGG
Objetivos	Melhorar autonomia, perspectiva de vida.	Fornecer informações para envelhecimento saudável e com qualidade.	Oferecer atividades de promoção e prevenção em saúde, a fim de se manter uma boa qualidade de vida.
Fundamentos	Estimulação e atividade	Educação continuada	Contribuição social da Inst. Ensino Sup.
Carga Horária	63 H	105 H	26 H
Custos	Não há	R\$ 50,00 mensais	Não há
Pré-requisitos	Morar em Nova Lima, ter mais de 60 anos, não apresentar déficit cognitivo	Ter mais de 60 anos	Ter mais de 60 anos e disponibilidade para freqüentar 75% das aulas
Total participantes	35	107	70
Representação política	Não	Não	Sim

A figura 4 ilustra as contribuições de cada necessidade educacional para as diferentes instituições estudadas.

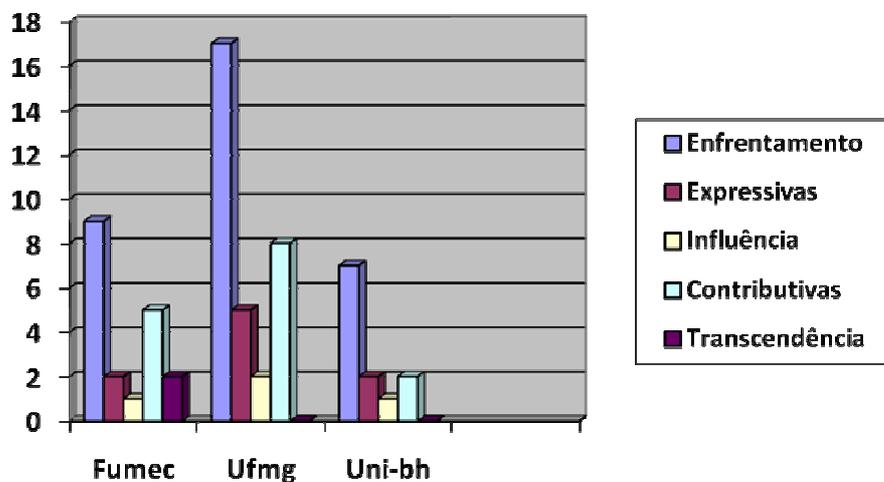


Figura 4. Porcentagem de temas por tipo de necessidades educacionais segundo Mc Clusky nos programas das instituições pesquisadas no ano de 2008.

5.2 Perfil da Totalidade dos Participantes

5.2.1 Geral agrupado das três instituições

O total de participantes deste estudo foi de 101 idosos, sendo 22 da Universidade FUMEC, 52 da UFMG e 27 da Centro Universitário UNI-BH. O maior número de participantes da UFMG explica-se pelo fato que o Projeto Maioridade, no ano de 2008, contou com a matrícula de 107 idosos, praticamente o dobro do número encontrado nas demais instituições. (Tabela 1)

Tabela 1. Número de idosos por Universidade/Instituição

	N	%
FUMEC	22	21,8
UFMG	52	51,5
UNIBH	27	26,7
Total	101	100,0

A distribuição entre os gêneros confirmou a literatura, que afirma haver uma maior participação feminina em programas de Universidade Aberta para a Terceira Idade. Mais de 80% da população pesquisada é de mulheres.

A média de idade foi de 70,1 anos, com variação de $\pm 6,23$ anos. As idades variaram entre 57 e 89 anos.

Tabela 2. Distribuição dos idosos segundo grupos etários

	n	%
Até 69	45	44,6
De 70 a 79	49	48,5
80 ou mais	7	6,9
Total	101	100,0

Os idosos pesquisados eram predominantemente originários de cidades do interior. A Universidade FUMEC atende os idosos de um município da região metropolitana de Belo

Horizonte, que foi considerada como cidade do interior. Na categoria outros, foram considerados os idosos nascidos em outros estados e países. Mais de 90% da amostra é proveniente do estado de Minas Gerais. Belo Horizonte é uma cidade relativamente jovem, fundada em 1897, quando comparada aos municípios de origem dos participantes, fato que pode explicar a pequena porcentagem de idosos naturais da capital mineira.

Tabela 3. Naturalidade dos idosos

		N	%
Válidos	MG - Capital	17	16,8
	MG - Interior	74	73,3
	Outros	10	9,9
	Total	101	100,0

Em relação à escolaridade, apenas um idoso nunca havia ido à escola. Constituindo-se grupos pelo critério de anos de escolaridade, três grupos foram formados: até quatro anos de escolaridade, de quatro a oito anos e acima de oito anos de escolaridade, incluindo-se os idosos com escolaridade superior completa e incompleta. Na amostra foi observada uma predominância nos dois extremos (até quatro anos e acima de oito anos de escolaridade).

Tabela 4. Escolaridade agrupada por anos

Categorias	N	%
Nunca foi à escola	1	1,0
1ª a 4ª Série	30	29,7
5ª A 8ª Série	10	9,9
Colegial	33	40,6
Superior	17	16,9

Quase 80% da amostra não desenvolve nenhum tipo de trabalho remunerado. A média do tempo decorrido da aposentadoria foi de 11 anos. Para o cálculo dos anos de aposentadoria, foram considerados 51 idosos, já que 14 não responderam à pergunta (NR) e 36 não se aplicam (NA), nestes incluídas as donas de casa (17) e aqueles que ainda desenvolvem atividade remunerada (20). O tempo médio de aposentadoria foi de 11.65 anos com desvio padrão de 7,98; o número mínimo de anos foi um e o máximo foi de 35 anos e a mediana, 10 anos.

Mais de 45% da amostra é de idosos casados, seguidos de viúvos (37,6%) e divorciados/separados (10,9%). Uma minoria de idosos nunca se casou (cinco por cento de solteiros). Em relação à situação de moradia, 16,8% dos idosos moram sozinhos e 33,7% moram com mais uma pessoa. Quase a metade dos idosos pesquisados (48,5%) moram com duas pessoas ou mais. As tabelas 11 e 12 exibem, respectivamente, as porcentagens relacionadas a estado civil e número de pessoas com quem o idoso mora.

Tabela 5. Status conjugal dos idosos pesquisados

	n	%
Solteiro	5	5,0
Casado	47	46,5
Desquitado/Divorciado/Separado	11	10,9
Viúvo	38	37,6
Total	101	100,0

Tabela 6. Número de pessoas no domicílio

Moradores do domicílio

	n	%
Válidos Mora Sozinho	17	16,8
Mora com mais uma pessoa	34	33,7
Mora com duas ou mais pessoas	49	48,5
N.R.	1	1,0
Total	101	100,0

As informações sobre renda familiar variaram entre 418,00 reais e 20.000,00 reais, com desvio padrão de 3.206,87. A média foi de 3.140,47 reais e a mediana foi de 2.500,00 reais.

5.2.2 Perfis dos idosos conforme as instituições

Tabela 7. Percentuais comparados das três instituições

Variável	Categorias	UFMG (%)	UNIBH (%)	FUMEC (%)
Gênero	Masculino	7,7	25,9	27,3
	Feminino	92,3	74,1	72,7
Idade	57-69	46,2	44,4	40,9
	70-79	44,2	51,9	54,5
	80 e +	9,6	3,7	4,5
Escolaridade	Nunca foram à escola	1,9	0	0
	1ª a 4ª série ensino fund.	7,7	33,3	77,3
	5ª a 8ª série ensino fund.	7,7	14,8	9,1
	Colegial	59,6	33,3	13,6
	Superior	21,1	18,5	0
Status conjugal	Casados/vivem com companheiro	42,3	40,7	63,6
	Solteiros	1,9	14,8	0
	Viúvos	44,2	25,9	36,4
	Divorciados/ desquitados/ separados	11,5	18,5	0
Arranjo domiciliar	Moram sozinhos	19,2	18,5	9,1
	Moram com o cônjuge	21,1	25,9	18,1
	Moram com o cônjuge e filhos	13,4	11,1	27,2
	Moram com filhos	28,8	18,5	9
	Outros arranjos ²	19,2	25,9	36,3
Renda mensal em salários mínimos	< 1	0	0	0
	1,1 a 3	7	26,7	59
	3,1 a 5	18,6	30,6	22,6
	5,1 a 10	34,9	34,5	18,1
	>10	39,5	7,6	0
Trabalho	Sim	13,4	33,3	18,1
	Não	86,5	66,6	81,8
Ocupação anterior	Área educacional	36,5	22,2	0
	Área administrativa	7,6	14,8	0
	Área saúde	1,9	14,8	4,5
	Operários e técnicos	1,9	14,8	18,1

² Outros arranjos de situação de moradia incluíram morar com netos, genro/nora, pais, irmãos e primos.

	Donas de casa	13,5	11,1	31,8
	Prestadores de serviço	21	7,4	27,4
	Outros	11,4	11,1	9
	Não responderam	5,8	3,7	9,1
Tempo desde a aposentadoria	1 a 9 anos	21	14,8	22,5
	10 a 19 anos	17,3	29,6	18
	Acima de 20 anos	13,4	7,4	4,5
	Não responderam	21,2	3,7	9,1
	Não se aplica ³	26,9	44,4	45,5

Em relação a gênero, a UFMG apresentou uma porcentagem de mulheres superior àquelas encontradas nas demais instituições. A Universidade FUMEC e UNI-BH apresentaram valores semelhantes.

Em relação à idade, as três instituições apresentaram médias semelhantes (por volta de 70 anos). Os grupos etários também se mostraram homogêneos, com pequena participação (< 10%) de idosos acima de 80 anos.

As instituições UFMG e UNI-BH apresentaram resultados semelhantes em relação à naturalidade (categorias capital, interior e outros). A Universidade FUMEC, como citado anteriormente, atende idosos de um município da região metropolitana de Belo Horizonte, que então foi considerado como cidade do interior. Por este motivo, seus resultados em relação a esta variável foram diferenciados quando comparados aos resultados das demais Universidades.

A escolaridade apresentou diferenças nas porcentagens observadas nas três instituições. Através do agrupamento por anos de escolaridade (até quatro anos, de quatro a oito anos e acima de oito anos de escolaridade) é possível constatar que a UFMG apresenta uma amostra de idosos com mais anos de escolaridade (mais de 80% apresentam o colegial e/ou superior), enquanto isso, a Universidade FUMEC concentra sua amostra na categoria até quatro anos de escolaridade e a UNI-BH apresenta duas distribuições principais: 1ª a 4ª série do ensino fundamental (33%) e colegial e superior (51%).

³ Nesta categoria foram incluídos os idosos que ainda desenvolvem atividade remunerada e as donas de casa.

O tempo decorrido da aposentadoria foi semelhante para os três grupos pesquisados, com médias entre 11 e 12 anos de aposentadoria e medianas variando entre 10 e 11,5 anos. Em relação às profissões dos idosos da amostra, apenas a Universidade FUMEC não apresentou a tendência a atrair idosos que foram ou ainda são da área educacional. Na UFMG, 36,5% dos idosos relataram como profissão professor, pedagogo ou diretor escolar. Na UNI-BH, 22,2% dos idosos foram categorizados como sendo da área educacional. Na FUMEC, a categoria com maior frequência foi a de dona de casa.

O estado civil dos idosos da amostra mostrou-se semelhante nas três instituições pesquisadas, com predomínio de casados e viúvos em relação aos solteiros e divorciados/separados.

As médias de renda familiar foram diferenciadas, principalmente da UFMG em relação às demais instituições. A mediana da amostra geral foi de 2.500,00 reais. A UFMG apresentou mediana de 3.000,00, com os valores variando de 800,00 a 20.000,00. As instituições UNI-BH e FUMEC apresentaram valores mais próximos, com as medianas sendo, respectivamente, 1.900,00 e 1.100,00.

A situação de moradia entre as instituições UFMG e UNI-BH apresentaram valores bastante próximos, em relação às categorias morar sozinho, morar com mais uma pessoa e morar com duas ou mais pessoas. A Universidade FUMEC apresentou valores diferenciados, com uma porcentagem menor de idosos morando sozinhos e mais idosos morando com mais de duas pessoas no mesmo domicílio.

Outra análise importante em relação aos perfis dos idosos participantes é sua origem geográfica de moradia em relação ao local onde as aulas são ministradas. Os diferentes índices de desenvolvimento informam sobre as condições socioeconômicas das regiões onde os idosos residem e para onde se deslocam com o intuito de participar das aulas nas universidades da terceira idade.

A região metropolitana de Belo Horizonte é composta de 34 municípios, distribuídos segundo o mapa 1 abaixo.



Figura 5. Divisão política dos municípios pertencentes à Região Metropolitana de Belo Horizonte

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (2000)

Fundação João Pinheiro

Além de Belo Horizonte, foram identificados idosos participantes moradores dos municípios de Nova Lima (totalidade da instituição FUMEC), Sabará (2), Contagem (1) e Santa Luzia (1).

O IDH é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores. É um índice que mede o bem-estar de uma população. Quanto mais próximo de um seu valor, melhores os indicadores da população estudada.

A região metropolitana divide-se conforme índices de IDH-M ilustrados no mapa 2 a seguir.

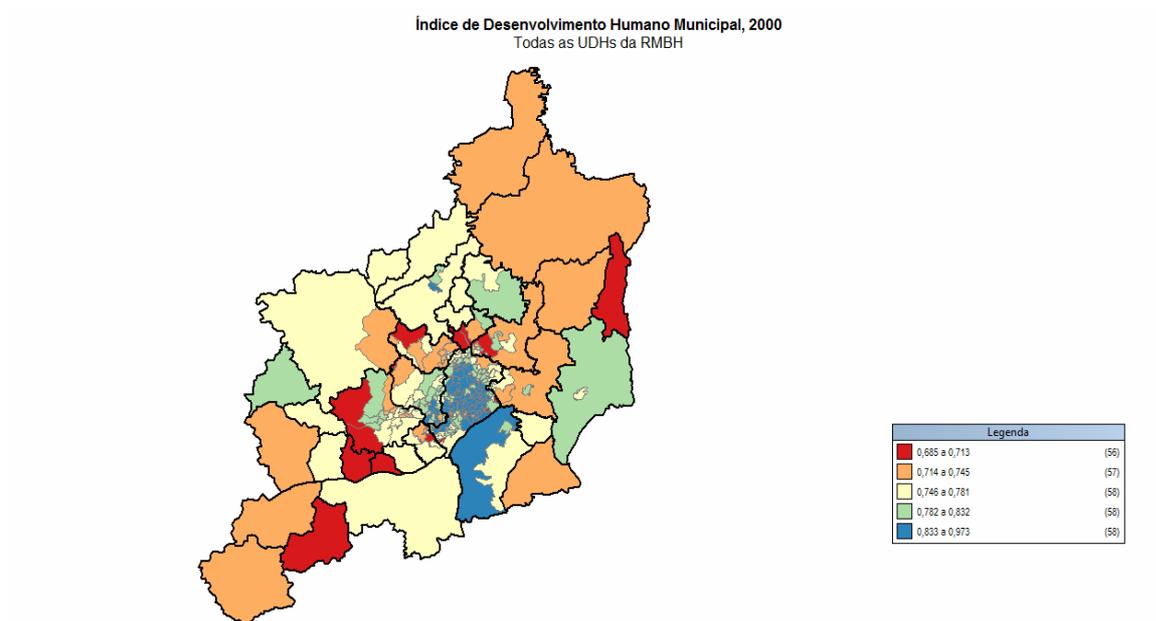


Figura 6. Índices de Desenvolvimento Humano Municipal da Região Metropolitana de Belo Horizonte

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (2000)

Fundação João Pinheiro.

A partir de listas fornecidas pelas coordenadoras dos programas, foi possível delinear as porcentagens do IDH-M tendo-se como referência o bairro de moradia relatado pelos idosos no ato de inscrição nos respectivos programas. Os gráficos 2 e 3 mostram que tanto no programa da UFMG quanto no programa do UNI-BH a maioria dos idosos reside em bairros com altos níveis de IDH-M (de 0,833 a 0,973).

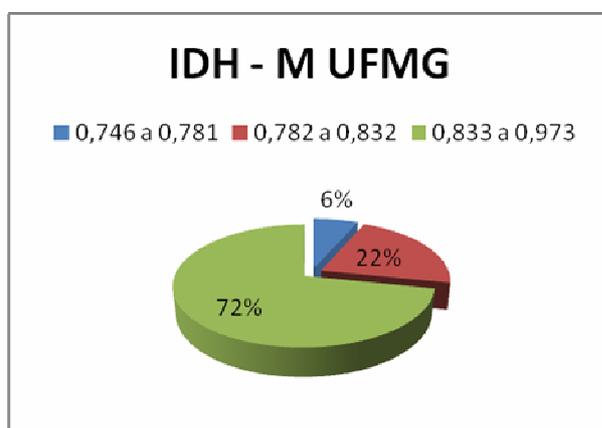


Figura 7. Porcentagens de IDH-M agrupados segundo informações de moradia dos idosos da UFMG

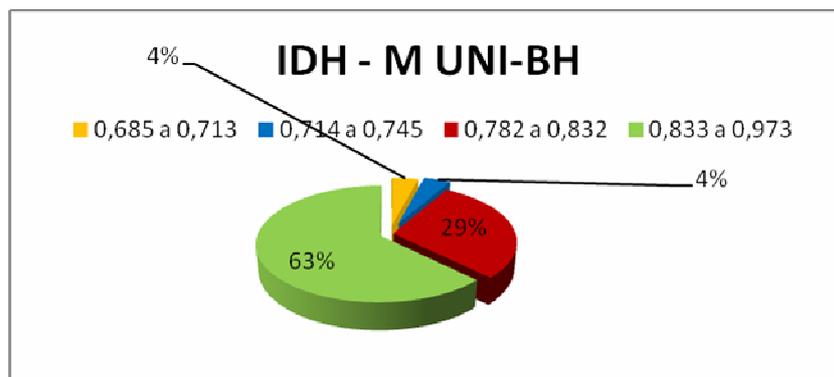


Figura 8. Porcentagens de IDH-M agrupados segundo informações de moradia dos idosos do UNI-BH

A totalidade dos idosos participantes do programa oferecido pela FUMEC eram residentes em bairros do município de Nova Lima situados em áreas onde o IDH-M varia entre 0,746 a 0,781. Esta informação confirma o que os dados levantados através do questionário informam: o programa oferecido pela FUMEC apresenta um perfil diferenciado de idosos quando comparado às demais instituições pesquisadas. Um perfil de idosos com menores níveis de renda e escolaridade, residindo em áreas com IDH-M menor do que o observado nas demais instituições.

6. DISCUSSÃO

A educação para idosos pode ser compreendida como um direito, uma necessidade, uma compensação ou como uma continuidade do processo de desenvolvimento do ser humano?

Do ponto de vista jurídico, não existe um marco legal específico para a educação de idosos como existe na educação de crianças, jovens e adultos. A Lei de Diretrizes e Bases da educação (Lei nº. 9.394, de 20/12/1996) a pretexto de regulá-la em âmbito nacional, não engloba em seus dispositivos de forma específica o fenômeno da educação de idosos. Inexistem parâmetros mínimos nacionais, responsabilidades dos entes governamentais com suas respectivas obrigações, currículos mínimos, titulação de docentes, carga horária mínima e formas de avaliação e controle. Os processos pedagógicos que se desenvolvem podem ser considerados alheios a diretrizes e regulamentos que os assegurem substancialmente como um direito a ser concretamente reivindicado, já que inexistem definições quanto aos limites e titulares dos direitos e deveres desta relação. Como observado nos programas pesquisados, os projetos desenvolvidos apresentam objetivos diversos, bem como carga horária e pré-requisitos. Ou seja, não há um marco legal norteador para as propostas desenvolvidas na universidade, que vão variar de acordo com a experiência dos coordenadores, com a disponibilidade de tempo e espaço, ou mesmo de acordo com a aprovação dos projetos em instâncias internas das universidades. Além disso, pode-se afirmar que não foi evidenciado o substrato de um direito à educação para idosos. Oferecer educação para idosos não é um dever ou obrigação definida em parâmetros concretos para as universidades, nem para as escolas, nem para o poder público. Em que pese a corrente da educação permanente postular a permanência do ser humano em processo de educação em qualquer fase da vida, como também uma decorrência do direito à cidadania.

Quando se menciona necessidade, é preciso antes discernir entre necessidades individuais e necessidades de uma sociedade. Oferecer educação para a terceira idade é suprir uma necessidade de um grupo de indivíduos ou as necessidades de um determinado grupo social?

Do ponto de vista socioeconômico, por exemplo, a educação pode ser vista como uma preparação da mão de obra que move indústrias, que promove pesquisas para sustentabilidade ou se qualifica para prestar serviços. Mas o tempo da preparação é o tempo da infância, é o tempo do jovem. Os idosos se encontram em um período que ultrapassa ao da contribuição, ultrapassa o tempo da produção. Segundo esta visão, a educação para idosos poderia se restringir a como

gerenciar a própria vida pelos anos que se seguem ou como prevenir agravos à saúde que possam comprometer o funcionamento da sociedade, seja causando impacto negativo nos gastos em saúde pública, seja causando sobrecarga aos membros de uma família que se tornaria cuidadora do idoso.

Do ponto de vista individual, o que busca o idoso na educação? Busca novas informações, busca novas amizades, busca se resguardar de males como a depressão ou a demência. Ampliar horizontes, melhorar a saúde e a autoestima também são achados comuns em pesquisas que tiveram por finalidade descobrir por que o idoso almeja ser um participante de uma universidade da terceira idade. Mas o que pode ser considerado necessário para o idoso e que vai além do que o próprio indivíduo é capaz de responder de forma verbal num questionário ou entrevista? Talvez sejam necessidades que escapem a uma constatação mais concreta do que ter mais amigos, saber sobre mais assuntos.

Em notícia publicada na Folha de São Paulo de 24/11/2008, Amélia, de 80 anos, desiste do sonho de prestar vestibular na Fuvest para que o dinheiro pudesse ser usado na prestação de uma geladeira nova. Desde 2004 ela realiza as provas e chegou a cursar Biologia na Universidade de São Paulo (USP) pelo programa Universidade Aberta para a Terceira Idade. Quando faltavam três disciplinas, um diretor da época afirmou que os microscópios estavam em falta e que a prioridade eram os jovens. Atualmente, a idosa continua indo à biblioteca todos os dias sendo autodidata em seus estudos. Manteve o adesivo do vestibular na identidade e deixa marcado em seu calendário a data do próximo dizendo – ano que vem tem mais. Esta história verídica ilustra a complexidade das necessidades humanas, que obrigam os sujeitos a equilibrar o sonho e a realidade, que nem sempre se alinham com o tempo nem com as possibilidades oferecidas pelo meio social. Ao se mencionar a necessidade de um indivíduo ser educado por um processo formal, dificilmente todas as necessidades individuais poderiam ser alcançadas, já que tão diversas.

Os programas pesquisados centralizam seus objetivos em estudos populacionais acerca do que seriam as necessidades de um indivíduo idoso. A manutenção da autonomia e a promoção de uma boa qualidade de vida são descritos por todos os programas pesquisados, que por sinal têm como coordenadoras especialistas em Gerontologia e que não por acaso direcionam

seus respectivos projetos em prol da saúde (física, psicológica, social) do idoso. É possível afirmar que é feita uma tentativa de se aproximar necessidades individuais com as sociais, já que um idoso mais saudável e autônomo tanto leva a uma melhor qualidade de vida para o indivíduo quanto para a sociedade em geral, que economiza gastos e esforços no cuidado a idosos dependentes.

A educação como uma compensação pode ser observada pela própria oferta dos programas pelas universidades que, como exposto anteriormente, não são consideradas responsáveis por oferecer propostas educativas a idosos. A gratuidade de participação e os esforços por alcançar um número cada vez maior de alunos também pode ser considerada uma forma de se alcançar a compensação daqueles que se viram subtraídos de oportunidades em educar-se.

Segundo Posada (2004), o ciclo tradicional da educação na vida de um indivíduo tem como objetivo a sua inserção na sociedade. O ciclo vital, então, é dividido em três fases: a primeira, na infância, seria de formação e aquisição de conhecimentos utilizados na vida adulta. A segunda fase seria de produção, em que o indivíduo coloca em prática, a serviço da sociedade, os conhecimentos adquiridos na fase formativa. A terceira fase, vivenciada na velhice, seria de descanso e desfrute de tudo que foi construído nas fases anteriores, não mais pressionado em atender necessidades produtivas ou de remuneração. Muitos dos idosos pesquisados neste estudo, por questões tanto históricas quanto individuais, não tiveram acesso à primeira fase, sendo compelidos a iniciar a fase produtiva precocemente. O mesmo autor, ao analisar as motivações para a criação de programas educacionais para idosos, enfatiza a educação como um processo de compensação, especialmente porque os idosos da atualidade, por circunstâncias históricas ou individuais, não foram capazes de alcançar um nível educacional suficiente em etapas anteriores de suas vidas. Somado a isso, a educação pode ser considerada uma compensação pelas perdas próprias da idade avançada, em que os idosos são orientados em relação a processos de prevenção e resolução de problemas de saúde. Mesmo o estímulo a aumentar a rede de relações sociais pode ser considerado também uma forma de compensação, já que o advento da aposentadoria é considerado como uma perda vivenciada na velhice que apresenta forte impacto na diminuição das relações sociais.

A continuidade do processo de desenvolvimento humano obrigaria a que este processo tivesse sido realmente iniciado na infância, prosseguido na juventude para então continuar, com suas especificidades, na maturidade e velhice. O Brasil não pode ser considerado uma nação que já vivenciou o estado de bem-estar social nos padrões já experimentados pelas democracias consolidadas há mais tempo, como na França e na Alemanha. Volta o tema da educação como uma compensação pelo tempo perdido, pelo tempo ultrapassado que levou o jovem ao mundo do trabalho sem escalas para uma preparação.

O envelhecimento populacional traz questões sobre expectativa de vida, qualidade de vida e níveis de dependência. Como citado por Camarano (2002), um número maior de mulheres chega à velhice em condições piores que os homens e uma quantidade cada vez maior de idosos mora só. Nas instituições pesquisadas, houve uma predominância de mulheres (83%) dentre os participantes, especialmente na UFMG, mas que não pode ser explicada apenas pelo maior número de mulheres na população idosa em geral. Outros estudos devem ser conduzidos com o objetivo de explicar a maior participação feminina dentre os programas educacionais dirigidos a idosos. As porcentagens de idosos que moram sozinhos foram semelhantes às aquelas encontradas em pesquisas populacionais como a PNAD. (Fundação João Pinheiro, 2000) O perfil feminizado de participantes das universidades da terceira idade pode estar relacionado aos assuntos abordados dentro da programação das mesmas, que não parecem trazer temas que atraiam especificamente o público masculino.

A aposentadoria traz considerações acerca do uso do tempo livre e as modalidades de aparatos sociais criados para atender as necessidades de um público considerado uma fatia importante do mercado. As possíveis perdas decorrentes da aposentadoria e a consequente diminuição das redes sociais poderiam estar sendo substituídas pela participação em universidades da terceira idade. A média de 11 anos decorridos desde a aposentadoria não parece confirmar tal ideia, que seria mais congruente se o perfil levantado fosse de idosos de aposentadoria mais recente.

Não foi possível evidenciar, a partir das informações levantadas, um desejo por parte dos programas em dar continuidade a um processo de evolução e desenvolvimento do ser humano. Para que fosse possível afirmar tal suposição, os programas deveriam ter em conta os

antecedentes históricos e educacionais vivenciados pelas coortes de idosos atendidas pelos programas, para então adequar seus objetivos e sua programação de atividades a cada uma delas. O fundamento principal que embasa tanto a criação quanto a proposição de temas e aulas parece ser a teoria da atividade, mesmo quando ela não foi relatada diretamente pelos coordenadores nos questionários utilizados. Subjacente aos programas, seja em seus objetivos, seja em sua programação, a teoria da atividade pode ser evidenciada por termos como “promoção de uma vida saudável”, “autonomia”, “exercício físico regular”, “importância do lazer” ou “afeto e redes sociais”.

A idade como critério de entrada para os participantes forma um agrupamento de indivíduos, através da característica faixa etária, que traz importantes reflexões sobre necessidades e possibilidades da educação sobre o envelhecimento. Por exemplo, se os objetivos são melhorar a saúde, prevenir doenças e divulgar informações para um envelhecimento saudável, não seria mais vantajoso abrir a participação para todos aqueles interessados no envelhecimento, seja ele próprio ou alheio? Com isso, as vantagens da convivência intergeracional seriam alcançadas e um público maior teria acesso a informações privilegiadas sobre um fenômeno populacional que cresce cada vez mais. As coordenadoras do programa da UFMG citam o caso de uma mulher na faixa dos quarenta anos que solicitou uma exceção para sua matrícula na universidade da terceira idade, pois sentia a necessidade de aprender sobre envelhecimento para melhor lidar com sua mãe, então com 70 anos.

A partir da análise das respostas dadas pelas coordenadoras dos projetos pesquisados, é possível destacar algumas semelhanças e diferenças entre os programas estudados.

Excetuando-se o programa da UFMG, as demais instituições podem ser consideradas de início recente, acompanhando-se, talvez, o tempo das próprias instituições de origem, já que a UFMG é a mais antiga universidade das três.

Em relação à coordenação dos programas, a primeira informação que se repete entre as três instituições é: todas as coordenadoras são mulheres, com bacharelado em cursos da área de saúde (Terapia Ocupacional ou Fisioterapia), todas com pós-graduação (mestrado ou doutorado) e todas especialistas em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Como discutido anteriormente, a partir dos trabalhos de Cachioni (2003), a criação

e coordenação das Universidades da Terceira Idade, antes fruto de esforços intuitivos e ações desconectadas do campo da Gerontologia, cada vez mais se constitui um trabalho científico, a partir do trabalho de profissionais com formação específica em Gerontologia.

Segundo as categorias criadas por McClusky na década de 1980, as necessidades educacionais dos idosos podem ser classificadas dentro dos objetivos apresentados pelas coordenadoras dos programas. A Fumec apresenta como objetivos a melhora da autonomia e da perspectiva de vida, oferecendo informações sobre diversos temas e estimulando a troca de experiências entre os idosos e entre alunos dos cursos de graduação em Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Educação Física e Enfermagem. As necessidades de enfrentamento e as necessidades expressivas podem ser consideradas como sendo abordadas dentro de tais objetivos. Observando-se a listagem 1, onde foram expostos os conteúdos abordados no ano de 2008, é possível afirmar que também as necessidades de influência (Política nacional do idoso) e de transcendência (finitude) estão contidas no programa. Segue abaixo a lista 4, que relaciona as categorias de McClusky com os assuntos abordados pelo programa em 2008.

Quadro 5. Necessidades educacionais segundo McClusky e os assuntos abordados pela Fumec em 2008.

Enfrentamento	Cuidar na terceira idade, conheça seu corpo, informática, nutrição, doenças mais frequentes, depressão, evite as quedas, memória, atividade física (9)
Expressivas	Dança, teatro e coral, importância do lazer (2)
Influência	Política Nacional do idoso (1)
Contributivas	Reciclagem, visitas ao museu, festa junina, formação de grupos de convivência, confraternização (5)
Transcendência	Finitude, saúde e religiosidade (2)

A UFMG apresenta como objetivo fornecer informações para um envelhecimento saudável e com qualidade. A partir deste enunciado, apenas as necessidades de enfrentamento seriam então atendidas. Observando-se a listagem 2, que enumera as atividades oferecidas pelo projeto no ano de 2008, é possível afirmar que também as necessidades expressivas (exercícios físicos, cinema) e contributivas (relações interpessoais, redes sociais, destino do lixo) foram exploradas. A atividade cotidiano do Projeto Maioridade foi considerada como contributiva, pois

ela se resume a idosos que se propunham a dar aulas sobre temas de domínio dos mesmos. Tal atividade foi considerada como o desejo altruístico de ajudar outras pessoas com problemas do dia-a-dia. A lista 5 apresenta as necessidades educacionais e as aulas ministradas pela UFMG em 2008.

Quadro 6. Necessidades educacionais segundo McClusky e os assuntos abordados pela UFMG em 2008.

Enfrentamento	Chegando a universidade, aprender na maturidade, medicamentos genéricos, cuidados com o coração, estimulação da memória, qualidade de vida, exercício físico, alongue-se, exercícios na terceira idade, pilates, posturas para conservação de energia, educação postural, massagem, dor na perna, esquecimento e desatenção, economia doméstica, como você quer envelhecer (17)
Expressivas	Origami, coral, cinema, lazer, concerto comentado, (5)
Influência	Idoso no trânsito, destino do lixo (2)
Contributivas	Reminiscências, relações interpessoais, afeto e redes sociais, visita ao museu, atividade de socialização, cotidiano do maioridade (8)
Transcendência	Não houve

O UNIdoso apresenta como objetivo principal oferecer atividades de promoção e prevenção em saúde, a fim de se manter uma boa qualidade de vida. Tal objetivo preenche necessidades de enfrentamento, e os assuntos enumerados na listagem 3 apontam que também as necessidades de influência (movimentos políticos e terceira idade) e expressivos (musicoterapia) são abordados pelo programa. A lista 6 enumera as necessidades educacionais segundo McClusky e os conteúdos abordados no ano de 2008 pela UNI-BH.

Quadro 7. Necessidades educacionais segundo McClusky e os assuntos abordados pela UNI-BH em 2008.

Enfrentamento	Envelhecimento autônomo e independente, segurança na terceira idade, hipertensão arterial, economia doméstica, primeiros socorros, plantas medicinais, constipação intestinal (7)
Expressivas	Musicoterapia, histórias do Brasil (2)
Influência	Movimentos políticos e terceira idade, (1)
Contributivas	Visita ao museu, comemoração dia do idoso (2)
Transcendência	Não houve

É possível observar que uma maior atenção é dada para o preenchimento das necessidades de enfrentamento, em que o idoso recebe informações sobre o envelhecimento e as atualidades do cotidiano que podem ser aprendidas a fim de que seja possível conhecer este novo mundo que se apresenta bastante diferente do mundo da infância e da juventude. Também se apresenta como preocupação por parte das coordenadoras dos programas pesquisados as necessidades contributivas, que visam ao aumento e à melhora da qualidade das redes de suporte social do idoso, fatores que são determinantes para o bem-estar e uma qualidade de vida satisfatória para o idoso. As necessidades de transcendência foram abordadas apenas pela Fumec. Também as necessidades de influência apresentaram uma contribuição bastante reduzida em relação às demais necessidades.

Em relação às teorias nas quais os programas se baseiam, apenas a Fumec apontou utilizar-se de uma teoria sociológica do envelhecimento (teoria da atividade). Tal teoria sustenta que a manutenção de uma vida saudável na velhice está diretamente relacionada ao nível de engajamento social do idoso, que por sua vez aumentaria a sua rede de relações sociais e estimularia tanto suas capacidades físicas quanto mentais. Neste sentido, como já assinalado, a educação gerontológica pode ser compreendida sob duas vertentes: a social e a individual. E a partir dos relatos das coordenadoras dos programas pesquisados, é possível observar que a vertente social é enfatizada no projeto UNI-BH, enquanto que nos demais, é enfatizada a vertente individual, que objetiva oferecer os meios necessários para aquisição de competências exigidas pelo envelhecimento, é enfatizada nos objetivos das propostas. Apesar de não afirmarem seguir a teoria da atividade, implicitamente, os programas da UFMG e UNI-BH também podem ser

considerados vertentes da mesma, ao proporcionarem, aos idosos, atividades sociais, físicas e de estimulação mental.

Em relação aos custos do projeto, apenas o Projeto Maioridade (o único projeto pesquisado a partir de uma Universidade pública) apresenta custo mensal de R\$ 50,00 para os idosos que se matriculam no projeto. Cabe aqui, talvez, levantar uma discussão sobre o papel das universidades públicas junto à população idosa, incluindo-se o papel de facilitar o acesso à educação de qualidade e que atenda as necessidades específicas desta parcela da sociedade. A cobrança de taxas pode ser um filtro que impossibilita o acesso de grande parte de idosos a benefícios que estão sendo oferecidos dentro de uma universidade pública. Assim como os alunos da graduação são isentos do pagamento de taxas e mensalidades, também os idosos que acessam a educação por meio das instituições públicas de ensino superior deveriam ser isentos. Segundo informações do programa, algumas bolsas são distribuídas para alunos que fazem requisição.

Em relação aos grupos estudados, a cobrança de taxas pela UFMG pode ser considerada uma seleção socioeconômica que está intimamente relacionada ao grau de escolaridade. A média da renda familiar na UFMG foi quase três vezes maior do a média da Fumec e duas vezes maior que a renda apresentada pelo grupo estudado no UNI-BH. Somado a isso, mais de 80% dos idosos da UFMG apresentavam mais de oito anos de escolaridade. Assim como na população em geral, mais anos de escolaridade estão relacionados a salários mais altos e melhores condições de vida. Outros fatores a serem levados em conta são a o que pode representar para os idosos participar de uma universidade como a UFMG (tradicional, ligada a padrões acadêmicos mais elevados) e a própria localização das aulas, na região centro-sul de Belo Horizonte, dentro do Conservatório Mineiro de Música (edifício pertencente à UFMG), inspirando também ao prestígio e à tradição, componentes que costumeiramente atraem as camadas média e alta da população.

Apesar da cobrança de taxas, a UFMG apresentou a turma com maior número de inscritos no ano de 2008: 107 alunos. Sua carga horária também é maior quando comparada às demais instituições e dentre seus pré-requisitos não há informações quanto à exigência de frequência, como no UNI-BH, ou escore mínimo em teste de rastreio para déficit cognitivo, como na Fumec. Cabe ressaltar que, aqueles idosos que durante a entrevista feita por profissionais e

alunos da Fumec apresentassem alguma alteração que impossibilitasse sua participação na Universidade, seriam prontamente encaminhados para centros de referência em idosos da prefeitura de Nova Lima.

A representação política dos alunos, mesmo que fora da universidade, só foi constatada na UNI-BH, em que são escolhidos por voto dos próprios idosos do projeto dois representantes para comparecer às reuniões do Conselho Municipal de Saúde e Conselho Municipal do Idoso e representar todo o grupo participante do UNIdoso. Tal representação configura, também, a necessidade de influência, segundo McClusky, em que o idoso exerce seus desejos de participação numa sociedade praticando atos de cidadania.

As características levantadas dentre os perfis apresentados pelas instituições pesquisadas apontam para diferenças significativas que podem ser relacionadas à forma de oferta dos programas e ingresso dos participantes.

O perfil atendido pela UFMG demonstra um grupo com mais escolaridade, renda familiar mais alta e proveniência de bairros com IDH mais alto. Como já discutido, o prestígio em participar de uma universidade de renome, situada em um local privilegiado, pode ter influência na atração deste perfil. Outro fato que pode ajudar a explicar esta tendência é a cobrança de taxa mensal.

O programa do UNI-BH, situado em um bairro de classe média alta, apresentou renda familiar e escolaridade intermediária, quando comparadas as três instituições entre si. Sua forma de divulgação (cartazes em centros de saúde) contribui para a atração das classes menos favorecidas. Ao mesmo tempo, sua localização em um bairro de classe média alta facilita o acesso aos participantes das classes sociais mais favorecidas.

O perfil encontrado na instituição FUMEC é o mais diferenciado em relação às demais instituições, bem como da literatura pesquisada, que aponta maior renda e escolaridade entre os idosos participantes de universidades da terceira idade. As duas variáveis apresentaram valores mais baixos, demonstrando que o grupo atendido pelo programa é proveniente de classes sociais menos favorecidas. A forma de entrada no programa é diferenciada dos demais, já que existe um processo de busca ativa feito pela universidade (contato telefônico), a partir de uma

lista da Secretaria de Ação Social (que atende cidadãos em risco social) e, posteriormente, passam por exames e testes de rastreio para déficit cognitivo grave (critério de exclusão para participação no programa). Além disso, cabe salientar que, neste programa, os idosos contam com transporte gratuito oferecido pela Prefeitura de Nova Lima até a universidade, que é situada em local de difícil acesso por transporte coletivo comum (o que também reduz o ‘custo efetivo’ da participação). Também esta universidade encontra-se situada em um local de classe média alta e classe alta.

As universidades da terceira idade podem ser compreendidas enquanto importantes aparatos educacionais que proporcionam, aos idosos, educação formal sobre processos naturais do envelhecimento e qual a melhor forma de lidar com os mesmos (enfrentamento). A educação informal é proporcionada pelas vivências, dinâmicas e pelo convívio social oferecido pela participação nos programas.

Os argumentos que sustentam a educação para idosos apontam necessidades variadas a serem preenchidas pelas instituições que oferecem programas de universidades da terceira idade. A partir dos temas apresentados, é possível afirmar que especialmente as necessidades de enfrentamento têm sido supridas, com uma programação voltada para esclarecer e prevenir os problemas mais comuns encontrados na população idosa. Porém, outras necessidades e objetivos também poderiam ser abordados, numa visão mais abrangente e interdisciplinar sobre o envelhecimento.

7. CONCLUSÕES

A forma de ingresso nos programas é semelhante nas instituições UFMG e UNI-BH, bem como os perfis encontrados em ambas as instituições. O perfil diferenciado da Fumec pode ser atribuído à sua forma de ingresso e seleção dos participantes, que é feita a partir de nomes de idosos cadastrados na Secretaria Municipal de Ação Social do município de Nova Lima. Tais idosos são provenientes das classes menos favorecidas e se encontram cadastrados na referida secretaria por fazerem uso de benefícios sociais. A análise do IDH-M também comprova esta informação. Enquanto nos grupos da UFMG e UNI-BH a maioria provém de bairros com IDH-M com valores entre 0,833 a 0,973, o grupo da instituição Fumec provém de bairros com valores de IDH-M variando entre 0,746 a 0,781.

Os grupos estudados mostraram-se homogêneos em relação a gênero, status conjugal e idade. A participação dos grupos etários mais velhos (acima de 80 anos) foi reduzida em todas as três instituições pesquisadas (menos de 10%). A participação feminina foi maioria nos três grupos estudados. As variáveis escolaridade e renda foram diferenciadas no grupo da instituição Fumec, que demonstrou níveis inferiores àqueles das demais instituições. Tal fato pode ser explicado pela forma de ingresso proposta pelo programa, que convida os idosos, a partir de lista da Secretaria Municipal de Ação Social. Ou seja, os participantes, a princípio, podem ser considerados como pertencentes a um grupo em risco ou vulnerabilidade social, o que denota menores níveis de renda e escolaridade.

A conformação mais diferenciada encontrada na instituição Fumec pode ser atribuída a este processo seletivo, e não ao formato de universidade da terceira idade adotado ou pelas características da instituição. Nos três programas estudados, metodologia, objetivos dos programas e conteúdo (ênfase em necessidades de enfrentamento) foram considerados semelhantes, o que não explicaria a diferença do grupo pesquisado na Fumec.

O modelo de educação para idosos oferecida pelas universidades da terceira idade pode ser entendido como um misto de compensação e necessidade. A compensação pode ser explicada não por um déficit educacional apresentado pelos idosos, mas uma compensação pelas perdas inerentes ao envelhecimento e ao processo de desenvolvimento humano, que traz mudanças e transformações a todo um grupo de indivíduos que, então, se dispõem a conhecer sobre o processo no qual estão envolvidos: a própria vida.

É ainda importante ressaltar que, apesar de inseridos no âmbito das atividades de extensão de importantes Instituições de Ensino Superior, o trabalho desenvolvido nas universidades da terceira idade ocorre à margem de marcos regulatórios de órgãos com competência normativa e fiscalizadora em matéria de educação, como o MEC, por exemplo. Até mesmo o levantamento do número de instituições que oferecem programas educativos a idosos é prejudicado, visto a Internet não ser uma fonte confiável de pesquisa. As denominações dos programas não seguem uma norma específica e nem sempre é possível ter certeza sobre o real funcionamento dos anúncios lançados à rede mundial de computadores nas páginas das instituições. Ocorre que a educação para idosos ainda não entrou na agenda dos órgãos de educação que definem a visão sistêmica da educação a partir do lançamento do PDE, em 2007, com a integração da educação básica, profissional e superior, sem qualquer referência, nem ao menos implícita, da educação para idosos. Isto pode deixar lacunas em que o compromisso com o mercado pode muitas vezes ser a única diretriz a ser observada no contexto das universidades da terceira idade, em que pese a existência de muitas iniciativas fundamentadas que podem ser observadas nessa área.

Novos estudos devem ser conduzidos para esclarecer pontos importantes em relação aos programas educacionais dirigidos a idosos, tais como: a possibilidade de proposta de uma metodologia específica para a população idosa, com modelos de universidades da terceira idade delineados a partir de uma teoria específica para a terceira idade. Além disso, a partir dos perfis apresentados nas instituições pesquisadas, é necessário que haja estudos sobre como atingir os idosos mais velhos (acima de 80 anos) e a população idosa masculina para participarem de programas educacionais e serem beneficiados. Discussões mais aprofundadas sobre a existência de uma legislação ou regulamentação específica para a educação de idosos, como já existe para crianças e jovens, devem ser estimuladas, para que o desenvolvimento das universidades da terceira idade tenha subsídios legais, sustentáveis e baseados nos relevantes interesses públicos envolvidos.

8. REFERÊNCIAS *

* Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

ALFAGEME, A. The clients and functions of Spanish university programmes for older people: a sociological analysis. **Ageing & Society** 2007; 27: 343-361.

BALLESTER, L. *et al.* The importance of socioeducational relationships in university programs for older adult students. **Educational Gerontology**, 2005; 31: 253-261.

BARRETO, K. M. L. *et al.* Perfil sócio-epidemiológico demográfico das mulheres idosas da Universidade Aberta à Terceira Idade no estado de Pernambuco. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, 2003, 3 (3): 339-354.

BOTH, A. Longevidade e educação: fundamentos e práticas. In: Freitas EV et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.1446-1455.

BREDA, J.; SCHOENMAEKERS, D. Age: a dubious criterion in legislation. **Ageing & Society**, 2006, 26, 529-547.

CACHIONI, M. **Envelhecimento bem-sucedido e a participação numa Universidade para a Terceira Idade**: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco. Dissertação de mestrado. 1998, Faculdade de Educação, Unicamp.

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade**. Campinas: Editora Alínea, 2003.

CACHIONI M.; PALMA, L. S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: Freitas EV et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.1456-1465.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: Freitas EV et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 88-105.

CARVALHO, J. A.M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Cadernos de Saúde Pública**, 2003, 19 (3): 725-733.

CARVALHO, V. B. C. L. **Desenvolvimento humano e psicologia** – generalidades, conceitos, teorias. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p. 92-143.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2004.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. 2ª Ed. Lisboa: Edições Asa, 1996, 256 p.

DOLL, J. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: NERI, A. L (org). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Perseu Abramo – SESC SP, 2007.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999, 244p.

FENALTI, R. C. S.; SCHWARTZ, G. M. Universidade aberta à terceira idade e a perspectiva de ressignificação do lazer. **Revista Paulista de Educação Física**, 2003, 17 (2): 31-41.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte**, 2000.

HADDAD, S.; GRACIANO, M. **Educação**: direito universal ou mercado em expansão. São Paulo em Perspectiva, 18 (3): 67-77, 2004.

HAROOTYAN, R. A.; FELDMAN, N. S. Lifelong education, lifelong needs: future roles in an aging society. **Educational Gerontology** 1990, 16:347-358.

HORI, S.; CUSACK, S. Third-age education in Canada and Japan: attitudes toward aging and participation in learning. **Educational Gerontology**, 2006, 32:463-481.

HUANG, C. The development of a university for older adults in Taiwan: an interpretive perspective. **Educational Gerontology**, 2005; 31: 503-519.

HUANG, C. The university of the third age in the UK: an interpretative and critical study. **Educational Gerontology**, 2006, 32: 825-842.

- JARVIS, P. Trends in education and gerontology. **Educational Gerontology**, 1990, 16: 401-409.
- MARTINS DE SÁ, J. L. Educação e envelhecimento. In: In: PY, L. *et al* (org). **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004, p.345-374.
- MEHROTRA, C. M. In defense of offering educational programs for older adults. **Educational Gerontology**, 2003; 29: 645-655.
- NERI, A. L. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In: NERI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Editora Papirus, 2001, p.11-38.
- NERI, A. L. Teorias psicológicas do envelhecimento: perspectivas históricas e teorias atuais. In: Freitas EV et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.58-77.
- NERI, A. L. (org). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Perseu Abramo – SESC SP, 2007.
- PACHECO, J. L. Trabalho e aposentadoria. In: PY, L. *et al* (org). **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004, p. 201-228.
- PACHECO, J. L.; CARLOS, A. S. Relações do homem com o trabalho e processo de aposentadoria. In: FREITAS, E. V. *et al*. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.1388-1393.
- PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. Educação informal. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (org). **Palavras-chave em educação não-formal**. Holambra: Setembro; Campinas: Unicamp/CMU, 2007, p. 127, 128.
- PETERSON, D. A. A history of the education o for older learners. In: SHERRON, R. H.; LUMSDEN, D. B. **Introduction to educational gerontology**. 1990

POSADA, F. V. Educación y personas mayores: algunas claves para la definición de una psicología de la educación em la vejez. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, 2004; jul-dez , 61-76.

RAMOS, L. R. Epidemiologia do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. *et al.* **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p.72-78.

RANDELL, S.; MASON, R. New learning for older australians? **Educational Gerontology**, 1995; 21: 391-400.

SCHNEIDER, K. The significance of learning for aging. **Educational Gerontology**, 2003, 29:809-823.

SIQUEIRA, MEC. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: NERI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Editora Papirus, 2001, p. 73-112.

SOCIAS, C. O.; BRAGE, L. B.; GARMA, C. T. University programs for seniors in Spain: analysis and perspectives. **Educational Gerontology**, 2004, 30:315-328.

SWINDELL, R.; THOMPSON, J. An international perspective on the university of third age. **Educational Gerontology**, 1995, 21: 429-447.

SWINDELL, R. Characteristics and aspirations of older learners in an Australian university of the third age. **Educational Gerontology**, 1990, 16:1-13.

THORNTON, J. E. Educational gerontology in Canada. **Educational Gerontology**, 1992; 18: 415-431.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência e saúde coletiva** , 2004, 9 (2):423-432.

WILLIAMSON, A. Gender issues in older adults' participation in learning: viewpoints and experiences of learners in the university of the third age (U3A). **Educational Gerontology**, 2000; 26: 49-66.

YENERALL, J. D. Educating an aging society: the university of the third age in Finland. **Educational Gerontology**, 2003, 29: 703-716.

Apêndices

APÊNDICE 1. Questionário administrado aos idosos

1. Sexo: Feminino () Masculino ()

2. Ano de nascimento: _____

3. Naturalidade (cidade onde nasceu): _____

4. Escolaridade (até qual série ou grau estudou): _____

5. Profissão (se aposentado/a, diga sua antiga profissão):

6. Você ainda trabalha ou desenvolve alguma atividade remunerada?

() Sim. Se for atividade diferente da resposta 5, diga qual:

() Não. Se for aposentado, por favor, responda à questão 6.a:

6.a. Há quanto tempo se aposentou?

7. Atualmente, qual a sua situação conjugal?:

casado/ amigado () solteiro () viúvo ()

divorciado/ desquitado / separado ()

8. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com o Sr./ Sra., de quanto foi aproximadamente a renda familiar em sua casa no mês passado?

9. Na casa onde o Sr./Sra. mora, contando o Sr./Sra., quantas pessoas vivem atualmente, de forma permanente?

10. Qual a relação de parentesco ou outro vínculo que o Sr./Sra. tem com as pessoas que moram com o Sr/Sra.?

marido/esposa filhos netos genro/nora pais irmãos

moro só outros _____

11. Como o Sr./Sra. tomou conhecimento deste projeto de Universidade da Terceira Idade?

Agradecemos a sua participação!

APÊNDICE 2. Questionário administrado aos coordenadores

1. Nome do programa.
2. Nome dos coordenadores e titulação completa.
3. Ano de criação do programa.
4. Nome da Escola, Instituto ou Departamento ao qual o programa se vincula e formato do programa (Extensão, Pesquisa, Graduação).
5. Objetivos principais do programa.
6. Qual a principal teoria ou filosofia utilizada para implantar e justificar o projeto.
7. Frequência e duração das aulas (quantas vezes por semana, por quantos meses do ano, quantas horas por dia)
8. Programação completa oferecida em 2008.
9. Formatos das aulas oferecidas em 2008 (expositivas, mesas-redondas, práticas, excursões, visitas guiadas).
10. Custo do projeto para o idoso (taxas, mensalidades, contribuições para excursões).
11. Pré-requisitos exigidos (idade, escolaridade, outros).
12. Total de participantes em 2008.
13. Formas de divulgação do projeto utilizadas em 2008 (jornais, internet, rádio, líderes comunitários).
14. Há alguma representatividade formal exercida pelos idosos na universidade (como por exemplo, a participação em reuniões colegiadas ou escolha dos coordenadores por voto direto).

APÊNDICE 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: Universidades da Terceira Idade na Região Metropolitana de Belo Horizonte: relação entre perfis de participantes e objetivos dos programas

Pesquisadora responsável: Nayere Rodrigues Ruas

Responsável pela distribuição e obtenção do termo: a mesma

Esta pesquisa objetiva conhecer quem são os participantes das Universidades da Terceira Idade na região metropolitana de Belo Horizonte (sua idade, profissão, quanto recebe de salário, até quando estudou, se é ou já foi casado, com quem mora) e relacionar estas informações ao tipo de curso que resolveu fazer (se são aulas parecidas com o tempo de escola, se os professores são da Universidade, se tem aulas práticas, o tipo de assunto abordado). Para isso, será distribuído um questionário com perguntas simples, totalmente confidenciais. Não assine o questionário, apenas entregue à pesquisadora responsável com todas as perguntas respondidas. Caso haja alguma dúvida, sinta-se à vontade para perguntar à pesquisadora. Caso necessite de ajuda para completá-lo, a pesquisadora estará à sua disposição para auxiliá-lo(a).

Você pode se sentir envergonhado(a) porque acha que ganha muito pouco por mês, ou se sentir inibido(a) em declarar uma soma que considera alta, mas todas as informações serão sigilosas, e nem mesmo a pesquisadora saberá relacionar os questionários àquele que o respondeu.

Esta pesquisa é importante porque esperamos assim melhorar a programação oferecida nas Universidades da Terceira Idade e assim beneficiar mais pessoas. Apenas com a sua ajuda é possível saber sobre os participantes destes programas.

Caso resolva não participar da pesquisa, sua participação nesta Universidade da Terceira Idade não será influenciada, você continuará a participar de todas as atividades oferecidas. Você terá uma cópia deste documento.

_____, ____ de _____ de 200_

(assinatura)

Dúvidas e esclarecimentos:

Nayere Rodrigues Ruas – Mestranda em Gerontologia pela Unicamp

Comitê de Ética em Pesquisa: 19- 3521-8936

E-mail: nayruas@yahoo.com.br